Atlantico

ANO 3 / YEAR 3 - Nº 10 ABRIL / APRIL 2017

PORQUE O ATLÂNTICO SUL PRECISA DE MAIS DEFESA

WHY THE SOUTH ATLANTIC NEEDS MORE DEFENSE

A ÁFRICA DAS STARTUPS, DA INOVAÇÃO E DA TECNOLOGIA

THE AFRICA OF STARTUPS, INNOVATION AND TECHNOLOGY

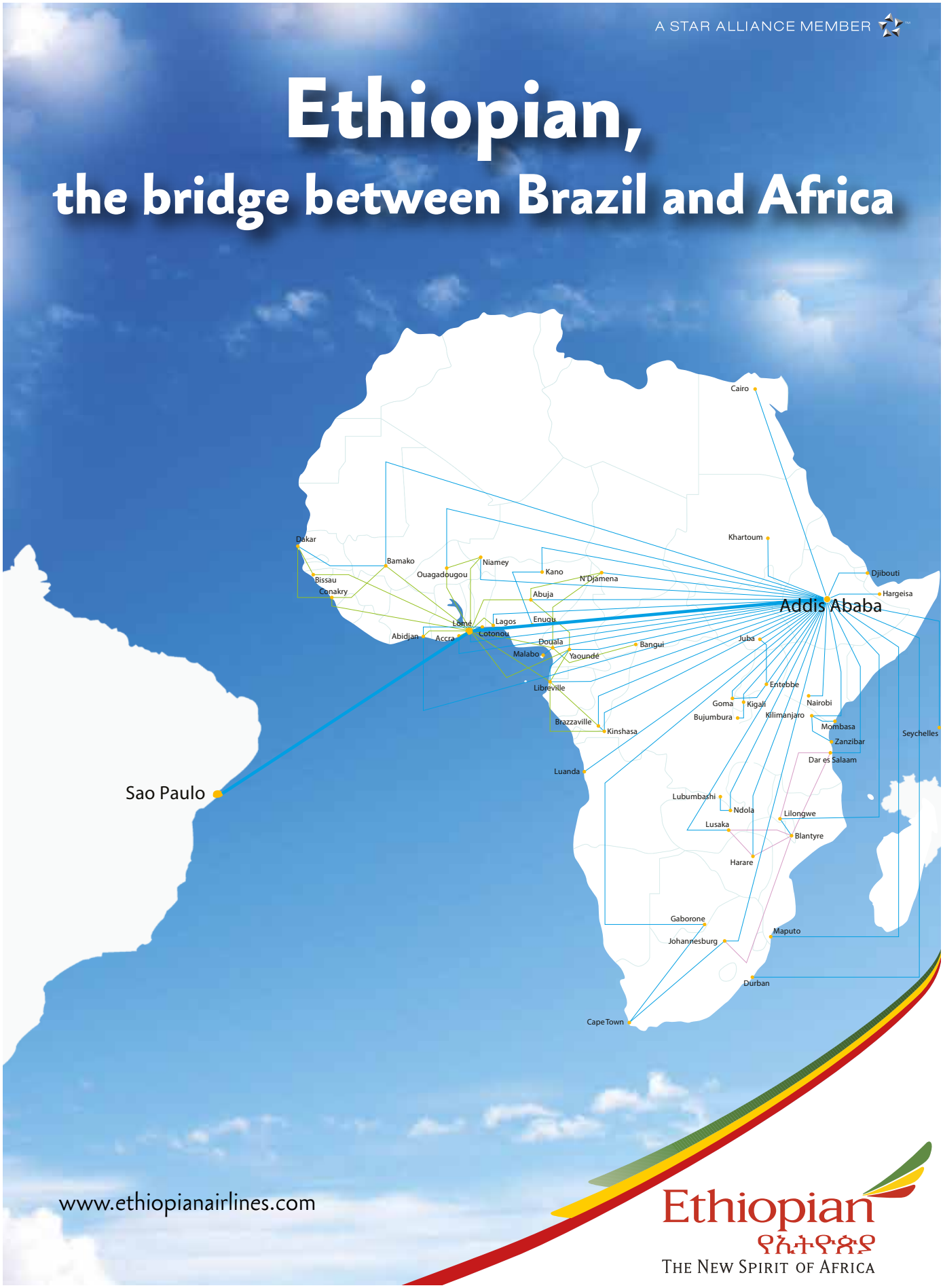
AS PAIXÕES DE ALBERTO DA COSTA E SILVA

THE PASSIONS OF ALBERTO DA COSTA E SILVA

ISSN 2447806-7

A STAR ALLIANCE MEMBER

Ethiopian,
the bridge between Brazil and Africa



www.ethiopianairlines.com

Ethiopian
የኢትዮጵያ
THE NEW SPIRIT OF AFRICA

EDITORIAL

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

A consolidação do projeto que envolve a revista ATLANTICO faz o desafio aumentar a cada número. Nas próximas páginas, oferecemos textos que mesclam informação, opinião e crítica. Por exemplo, é impossível discutir a África que olha para frente sem analisar o que a trouxe aos dias atuais, especialmente quando observada a partir das relações estreitas com o Brasil. É o que está presente à conversa com o embaixador Alberto da Costa e Silva, que, com uma longa trajetória como diplomata e vivência em regiões diversas do mundo, guarda suas memórias mais vivas do tempo em que serviu no continente que já admirava desde ainda jovem, com 15, 16 anos. O olhar dele reforça a compreensão de que é necessário realinharmos uma visão comum nem sempre fiel à realidade. Outra discussão de grande importância que esta edição apresenta é quanto à necessidade de se estabelecer uma estratégia de defesa do Atlântico Sul mais próxima às necessidades do mundo moderno. Estes e outros temas marcam mais uma edição que reforça o nosso compromisso com aquilo que dá sentido à publicação.

THE PAST, THE PRESENT AND THE FUTURE

The consolidation of the project that involves ATLANTICO makes the challenge greater in every issue. In the next pages, we offer texts that mix information, opinion and critic. For example, it's impossible to discuss the Africa that looks forward without analyzing what brought her to the present day, especially when observed from its narrow relationship with Brazil. That's what's present in the conversation with Ambassador Alberto da Costa e Silva that, with a great trajectory as a diplomat and experience in various regions of the world, keeps his most vivid memories from the time he served the continent he already admired as a young man, 15 or 16 years old. Another discussion of great importance this issue brings is regarding the necessity of establishing a defense strategy in the South Atlantic, closer to the needs of the modern world. These and other topics mark one more edition, that increase our commitment to what gives meaning to the publication.

Atlantico **ISSN 2447-8016**

Publisher **João Bosco Monte** Editor **Guálter George** Reportagens / Reports **Gustavo Augusto-Vieira, Ana Vitória Reis** Assistente editorial / Editorial Assistant **Laíne Carlos** Colaboração/RJ **Maria Viana** Tradução / Translations **Maurice Strauss** Projeto Gráfico **Andréa Araujo** Arte / Art **Alice Muratore** Conselho Editorial / Editorial Board **André Brayner, Gilberto Lima Júnior, Gualter George, Gustavo Augusto-Vieira, João Bosco Monte e Thomas Vlassak** Impressão / Print **Expressão Gráfica** - Fortaleza, Ceará Tiragem / Copies 5.000

Contato / Contact **atlantico@institutobrasilafrica.org**
Publicidade / Advertising **Ed Brasil** (edvar.brasil@institutobrasilafrica.org)

ATLANTICO é uma publicação trimestral do Instituto Brasil África. O Instituto Brasil África não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
ATLANTICO is a quartely publication of Instituto Brasil Africa. Instituto Brasil Africa is not responsible for concepts expressed in signed articles.

Instituto Brasil África

Escritório Fortaleza / Fortaleza Office **Rua José Alencar Ramos, 385, Luciano Cavalcante, Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP 60813-565**, Telefone / Phone: **+55 85 32682010**. Escritório São Paulo / Sao Paulo Office **Alameda Santos, 234, 12º Andar, Cerqueira César, São Paulo, SP, Brasil, CEP 01418000**, Telefone / Phone: **+55 11 34651002.** Contato / Contact **contato@institutobrasilafrica.org** Website **www.institutobrasilafrica.org**

SUMÁRIO / SUMMARY

12
ALBERTO DA COSTA E SILVA: PAIXÃO POR UM CONTINENTE
ALBERTO DA COSTA E SILVA: THE PASSION FOR A CONTINENT

22
EXPERIÊNCIAS DE UMA ÁFRICA TECNOLÓGICA E INOVADORA
EXPERIENCES OF A TECHNOLOGICAL AND INNOVATIVE AFRICA

36
AS NOVAS EXIGÊNCIAS DE DEFESA DO ATLÂNTICO SUL
THE NEW DEMANDS OF DEFENSE ON THE SOUTH ATLANTIC

46
A AVENTURA DE FAZER TURISMO COM EMOÇÃO
THE ADVENTURE OF TOURISM WITH EMOTION

CARTA DO INSTITUTO / LETTER FROM INSTITUTO

Hoje vivemos em um mundo cada vez mais interdependente, onde as ações dos cidadãos comuns são suscetíveis de ter um impacto sobre a vida dos outros em todo o mundo. Por sua vez, nossas vidas, nossos empregos, a comida que comemos e o desenvolvimento de nossas comunidades estão sendo influenciados por desenvolvimentos globais.

É indiscutivelmente de particular importância na era de globalização, onde o potencial de desenvolvimento econômico, social e pessoal é cada vez mais uma função da interação com outros diferentes de si mesmo, que a sociedade se entenda como solidária e altruísta.

A queda do Muro de Berlim, a entrada da China na OMC, os números positivos sobre o crescimento econômico da China, Brasil, Índia,Quenia, Marrocos e muitos outros países em todo o mundo demonstram que nações que no passado eram desprezadas, passaram também a ditar normas e padrões, indicando assim que qualquer discriminação como algo normal tornou-se cada vez menos tolerável.

Como gênese, entendemos que o desenvolvimento somente se estabelece através de uma ação conjunta de Governos, sociedade civil, corporações, ONGs e organismos internacionais, que tem na proteção da vida o alicerce dos direitos humanos, e a construção de uma sociedade que não descarta os mais vulneráveis, mas que deles cuida e lhes amplia horizontes.

O Instituto Brasil África tem buscado em suas diversas iniciativas a expansão do diálogo com instituições brasileiras e africanas e também de outras latitudes a fim de ampliar as possibilidades de desenvolvimento social e econômico em regiões menos favorecidas.

Por outro lado, o crescimento do nacionalismo agressivo e do etnocentrismo em ações e discursos de líderes mundiais são expressões de racismo, xenofobia, preconceito e insensibilidade e tomam proporções e força que devem nos deixar em estado de alerta. Já não é possível um mundo intolerante e indiferente.

Neste sentido, defendemos o debate sério sobre a questão da migração, abrigando argumentos verdadeiros e buscando especialmente entender os sentimentos dos imigrantes de todo o mundo, inclusive do continente africano. O que os leva a migrar? Quais são seus sonhos em outras terras? Querem,de fato migrar ou são levados pela dificuldade de viver em seu país?

Os tempos atuais são cada vez mais heterodoxos e o debate sobre a promoção da coesão social e valorização da diversidade como um valor deve estar na agenda de todos. Certamente não podemos ficar neutros frente a situações de risco iminente para os seres humanos.

Today we live in an increasingly interdependent world where the actions of ordinary citizens are likely to have an impact on the lives of others around the world. In turn, our lives, our jobs, the food we eat, and the development of our communities are being influenced by global developments.

It is undoubtedly of importance in the era of globalization, where the potential for economic, social and personal development is increasingly a function of the interaction with others different from oneself, that society understands itself as solidarity and altruistic.

The fall of the Berlin Wall, China's entry into the WTO, positive numbers on economic growth in China, Brazil, India, Kenya, Morocco and many other countries around the world show that nations that were previously scorned Also to dictate norms and standards, this indicating that any discrimination as something normal has become less and less tolerable.

As a genesis, we understand that development is only established through a joint action of Governments, civil society, corporations, NGOs and international organizations, which has in the protection of life the foundation of human rights, and the construction of a society that does not rule out More vulnerable, but that takes care of them and broadens their horizons.

Brazil Africa Institute has sought in its various initiatives the expansion of the dialogue with Brazilian and African institutions and of other latitudes in order to expand the possibilities of social and economic development in less favored regions.

On the other hand, the growth of aggressive nationalism and ethnocentrism in the actions and discourses of world leaders are expressions of racism, xenophobia, prejudice and insensitivity, and take proportions and strength that should leave us on alert. An intolerant and indifferent world is no longer possible.

In this sense, we defend the serious debate on the issue of migration, harboring real arguments and especially seeking to understand the feelings of immigrants from all over the world, including the African continent. What drives them to migrate? What are your dreams in other lands? Do you really want to migrate or are you taken away by the difficulty of living in your country?

The current times are increasingly heterodox and the debate on promoting social cohesion and valuing diversity as a value should be on everyone's agenda. Certainly, we cannot be neutral in situations of imminent risk to humans.

RODRIGO RODRIGUES

NOVO PRESIDENTE DA CÂMARA DE COMÉRCIO ÁRABE-BRASILEIRA

A Câmara de Comércio Árabe-Brasileira (CCAB) elegeu o empresário Rubens Hannun como novo presidente. Com mandato de dois anos, ele pretende aumentar os laços da instituição em áreas como esporte e educação na perspectiva de fortalecer e inovar o papel da entidade.

NEW PRESIDENT OF THE ARAB-BRAZILIAN CHAMBER OF COMMERCE

The Arab-Brazilian Chamber of Commerce (CCAB) has elected businessman Rubens Hannun as its the new president. During his two-year term of office, he intends to increase the institutional ties to such fields as sports and education in the perspective to strengthening and innovating the entity's role.

DIPLOMATA ASSUME EMBAIXADA DA TANZÂNIA

Em 12 de fevereiro, o Embaixador Emmanuel Nchimbie assumiu o cargo de chefe da Embaixada da República Unida da Tanzânia em Brasília. A Missão no Brasil também está acreditada para Argentina, Trinidad e Tobago, Barbados, Chile, Colômbia, Guiana, Jamaica, Peru e Venezuela.

DIPLOMAT ASSUMES HIS POSITION AT THE TANZANIAN EMBASSY

On February 12, Ambassador Emmanuel Nchimbie assumed the position of head of the Embassy of the United Republic of Tanzania in Brasilia. The Mission in Brazil also has accreditation for Argentina,Trinidad and Tobago, Barbados, Chile, Colombia, Guyana, Jamaica, Peru and Venezuela.

BRASIL CAPACITA DOCENTES NO BENIM

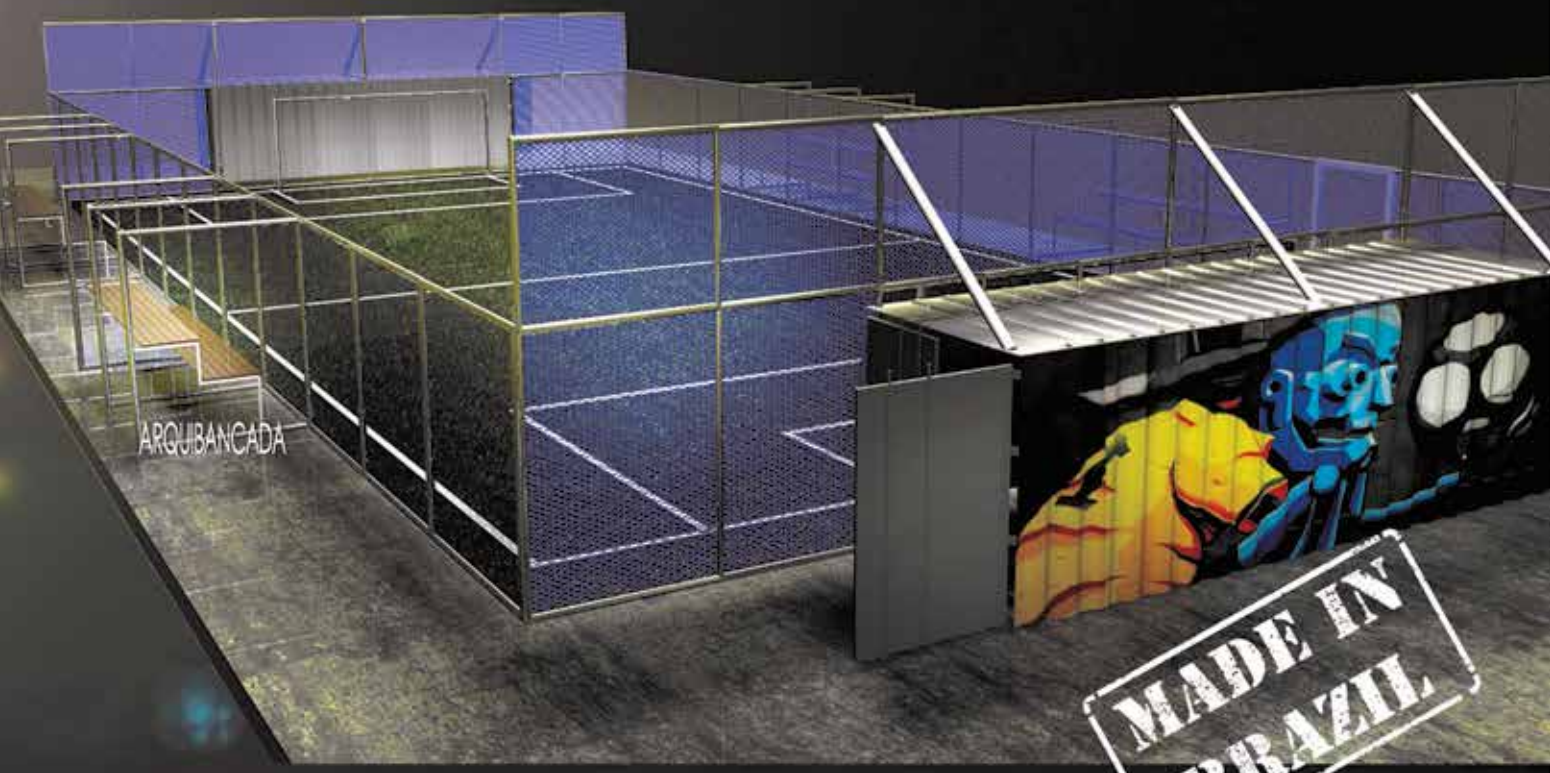
Docentes do colégio técnico agrícola Médji de Sékou (Lycée Agricole Medji de Sékou - LAMS), da cidade de Cotonou, concluíram em março programa de capacitação de docentes nas áreas da Agroecologia e Cooperativismo, no âmbito de um projeto de cooperação técnica realizado entre os Governos brasileiro e do Benim. O programa de 384 horas/aula consistiu ainda em duas visitas técnicas dos professores do LAMS ao Brasil e visitas de apoio de técnicos brasileiros ao Benim.

BRAZIL TRAINS TEACHERS IN BENIN

Teachers from the Séjou Médji Sékou (Lycée Agricole Medji de Sékou - LAMS) agricultural technical college in Cotonou completed a training program in the areas of Agroecology and Cooperativism in March, as part of a technical cooperation project carried out between the governments of Brazil and Benin. The 384 class hours program also consisted of two technical visits by LAMS teachers to Brazil and support visits by Brazilian technicians to Benin.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO

FAST FIELD



SOCCER GRASS
PISOS ESPORTIVOS

+55 11 2537 5984 +55 11 5521 9826
COMERCIAL@SOCCERGRASS.COM.BR
WWW.SOCCERGRASS.COM.BR

PESQUISA E INOVAÇÃO IMPACTAM A AGRICULTURA DO BRASIL

São abundantes as manifestações de lideranças ao redor do mundo em reconhecimento à trajetória virtuosa da pesquisa agropecuária brasileira nos últimos quarenta anos. Graças ao investimento em instituições de pesquisa e ensino e em formação de competências, fortalecido a partir dos anos 1970, o Brasil deixou a condição de importador de alimentos, constrangedora para um país continental com extraordinária base de recursos naturais. Não havia até então um modelo de agricultura tropical a copiar, que transformasse as terras ácidas do cerrado em solos férteis e que desenvolvesse plantas e animais adaptados à condição tropical. Nossos cientistas tiveram que criá-lo.

Tecnologia se tornou o principal fator a explicar o sucesso da agricultura do Brasil, que hoje abastece a população com diversificada oferta de alimentos, a preços estáveis, garante excedentes para exportação e saldos crescentes na balança comercial. O investimento público, realizado de forma persistente, foi pré-requisito fundamental para este avanço, uma vez que permitiu à pesquisa pública gerar os conhecimentos necessários para que a pesquisa privada se estabelecesse e pudesse investir com segurança nas tecnologias cristalizadas em máquinas e insumos, que são o seu nicho natural, ampliando continuamente a capacidade produtiva do país.

A trajetória recente da pesquisa agropecuária brasileira expressa essa natural divisão de responsabilidades, com dedicação do setor privado às ações mais intensivas em capital e passíveis de exploração comercial. No Brasil, como em todo o mundo, o setor privado prioriza desenvolver novas sementes, fertilizantes, defensivos e máquinas, e o setor público se concentra na geração de conhecimentos indispensáveis para o aprimoramento da produção.

JORGE DUARTE

Maurício Antônio Lopes
Presidente da Embrapa (Embrapa Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária)
President of Embrapa (Brazilian Agricultural Research Corporation)

A pesquisa pública, por sua vez, gera conhecimentos para a aplicação mais eficiente de insumos; o melhor espaçamento das lavouras; a defesa sanitária animal e vegetal; o mapeamento dos riscos e as boas práticas para superá-los; o desenvolvimento de novas variedades vegetais, raças animais e seu uso em sistemas de produção inovadores; dentre muitas outras missões. Apenas na Embrapa, são desenvolvidos 1200 projetos de pesquisa em cerca de 100 temas relevantes para a agricultura brasileira.

A trajetória da pesquisa pública brasileira está repleta de resultados e impactos marcantes, como o Zoneamento de Riscos Climáticos e o Plano ABC – Agricultura de Baixo Carbono – que juntos compõem as mais poderosas políticas públicas de sustentabilidade da agricultura no país. A Embrapa, nesse momento, lidera o desenvolvimento de sistemas intensivos e integrados de produção, combinando lavouras, pecuária e floresta para produzir carne, grãos, fibras e energia com emissões líquidas de carbono muito baixas ou, em algumas situações, com captura maior que emissão. Em breve, produtos brasileiros com a marca "carbono neutro" ganharão os mercados, agregando valor e competitividade à agricultura tropical.

Os pesquisadores brasileiros estão diariamente produzindo informações valiosas para tratamento de muitos desafios atuais e prementes da agricultura. Por isso o Brasil não pode prescindir de uma grande e fortalecida Aliança para Inovação Agropecuária, integrando a Embrapa, universidades, organizações estaduais e o setor privado.

RESEARCH AND INNOVATION IMPACT BRAZILIAN AGRICULTURE

In the last forty years, there have been abundant leadership manifestations recognizing the virtuous course of Brazilian agriculture and livestock research around the world. Thanks to investments in research and educational institutions and the preparation of competencies, strengthened beginning in the 1970s, Brazil stopped being a foodstuff importer at that time. This was embarrassing for a continental country, endowed with such extraordinary natural resources. There had not been any tropical agricultural model until then to transform the acidic lands of the "cerrado" (Savanna) into fertile soils and raise plants and animals adapted to tropical conditions. Thus, our scientists had to create it.

Technology became the key factor explaining the success of Brazilian agriculture that nowadays provides diversified foodstuff supply to the population with stable prices, guaranteeing surpluses for exportation and positive results in the trade balance. There has been persistent public investments, which has been a fundamental prerequisite for this progress, since it enabled pubic research to generate the necessary knowledge, so that private research could be established and safely invest in crystalized technologies on machinery and inputs, which are their natural niche, thereby continually expanding the productive capacity of the country.

The recent course of Brazilian agricultural and livestock research expresses this natural division of responsibilities, with stress from the private sector on more intensive capital initiatives and make trade exploration feasible. The private sector prioritizes the development of new seeds, fertilizers, agrochemicals, and machinery in Brazil, as well as the rest of the world, and the public sector concentrates on generating indispensable knowledge for improving crop production.

BRAZILIAN RESEARCHERS ARE DAILY PRODUCING VALUABLE INFORMATION TO TO DEAL WITH MANY OF CURRENT AND PRESSING AGRICULTURAL CHALLENGES.

Public research, in turn, generates knowledge for more efficient usage of inputs; improved crop spacing; animal and vegetable sanitary defense; risk mapping and good practices for overcoming those risks; development of new vegetable varieties, animal breeds, and their usage in innovative production systems; among many other missions. Just at Embrapa, there have been 1,200 research projects carried out on about 100 subjects relevant to Brazilian agricultural.

The course of Brazilian public research is packed-full of results and notable impacts, such as Climatic Risk Zoning and the Low Carbon Agricultural Program (ABC) – jointly composing the most powerful public sustainable policies in the country. Embrapa, currently, leads the development of intensive and integrated systems, reuniting crops, livestock, and forests to produce meat, grains, fibers, and energy with extremely low carbon liquid emissions, or in some situations, collecting more than is released. Shortly, Brazilian products branded as "neutral carbon" will gain increased market share, by adding value and competiveness to tropical agriculture.

Brazilian researchers are daily producing valuable information to to deal with many of current and pressing agricultural challenges. For this reason, Brazil cannot proceed without a greater and strengthened Alliance for Agricultural and Livestock Innovation, integrating Embrapa, universities,state governmental organizations and the private sector.

IMPULSIONANDO A MARÉ, A NECESSIDADE DE LIDERANÇA ÉTICA

Em uma recente conversa com o presidente do Instituto Brasil África, João Bosco Monte, destacamos a importância de um retorno à ética e aos valores. Brasileiros e africanos precisam mudar para uma sociedade baseada em valores. Isso tem grandes implicações no enfrentamento de alguns dos desafios recorrentes - como a corrupção - que ferem o país e o continente.

Recentemente, na África do Sul, Ahmed Kathrada faleceu. Como um veterano da luta anti-apartheid, ele personificou a importância de viver pelos valores em que acreditava, e lutando por uma sociedade melhor. Este tipo de sociedade só pode ser alcançada através da consideração racional das alternativas e opções disponíveis em termos de desenvolvimento. O debate e o discurso são fundamentais em sociedades diversas, caracterizadas pelo multiculturalismo e por histórias complexas - vistas em toda a África e no Brasil.

Uma série de acontecimentos recentes na África do Sul trouxe à tona que este debate já não é bem-vindo na sociedade. Da mesma forma, em todo o mundo a mudança no clima político global e na ascensão da direita é sentida no espaço limitado disponível para o debate inteligente e crítico sobre uma variedade de questões. O próprio Kathrada não tinha medo de falar abertamente aos que estavam no poder. Cegueira lealdade à liderança não tem lugar em um mundo com uma abundância de ferramentas, recursos e informações. Estes elementos podem ser utilizados para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e avançar na agenda de desenvolvimento.

Kelly Alexander
Socióloga e pesquisadora independente
Sociologist, conducting research as an independent consultant.

"SEM DEBATE, AS NAÇÕES EM DESENVOLVIMENTO SÃO AMEAÇADAS DE SEREM FORÇADAS A ASSUMIR E ADOTAR VISÕES NÃO HISTÓRICAS QUE LIMITAM NOSSA COMPREENSÃO DO PASSADO. "

Sem debate, as nações em desenvolvimento são ameaçadas de serem forçadas a assumir e adotar visões não históricas que limitam nossa compreensão do passado. Isso tempera a capacidade de avançar, de evitar as armadilhas do passado e capitalizar os aprendizados que estão disponíveis para nós.

A liderança não se limita a alguns poucos. É algo que todos nós podemos exibir em nossas comunidades, negócios e círculos de amizade. O medo da crítica não deve impedir que o debate sensato recupere terreno da polêmica presente no Twitter e em outras plataformas de mídia social. As nações em desenvolvimento devem forjar um novo modelo de desenvolvimento, divorciado do populismo evidente no Ocidente. A Cooperação Sul-Sul deve estender-se à criação de liderança baseada em valores em todos os níveis da sociedade.

O lugar para o debate crítico está sendo diminuído, pois encontramos indivíduos cada vez mais alinhados com dois pontos de vista divergentes. Precisamos de "um triunfo da sabedoria e da grandeza do espírito contra as pequenas mentes e mesquinhez; um triunfo de coragem e determinação sobre a fragilidade e fraqueza humanas ".

STEMMING THE TIDE, THE NEED FOR ETHICAL LEADERSHIP

A recent conversation with João Bosco Monte, president of Instituto Brazil Africa highlighted the importance of a return to ethics and values. Brazilians and Africans need to shift to a values-based society. This has major implications in addressing some of the recurrent challenges – such as corruption – which blight the country and continent. Recently, in South Africa, Ahmed Kathrada passed away. As an anti-apartheid struggle veteran, he epitomised the importance of living by the values he believed in, and fighting for a better society. This kind of society can only be achieved through a rational consideration of the alternatives and options available in terms of development. Debate and discourse is key in diverse societies, characterised by multi-culturalism and complex histories – seen across Africa and in Brazil.

A number of recent events in South Africa have brought to the fore that debate is no longer welcome in society. Similarly, across the world the shift in the global political mood and rise of the Right are felt in the limited space available for intelligent and critical debate on a variety of issues. Kathrada himself was unafraid of speaking candidly to those in power. Blind loyalty to leadership has no place in a world with an abundance of tools, resources, and information. These elements can be used to bring about an improvement in the quality of lives of citizens and advance the developmental agenda.

> "WITHOUT DEBATE, DEVELOPING NATIONS ARE THREATENED WITH BEING FORCED TO ASSUME AND ADOPT A HISTORICAL VIEWS THAT LIMIT OUR UNDERSTANDING OF THE PAST. "

Without debate, developing nations are threatened with being forced to assume and adopt ahistorical views that limit our understanding of the past. This tempers our ability to move forward, avoid the pitfalls of the past, and capitalise on the learnings that are available to us. Leadership is not limited to a select few. It is something that we can all exhibit in our communities, business places and friendship circles. Fear of critique should not prevent sensible debate from regaining ground from the polemic evident on Twitter and other social media platforms. Developing nations should forge a new model of development, divorced from the populism evident in West. South-South Cooperation should extend to the creation of value based leadership at all levels of society.

The place for critical debate is being diminished as we find individuals being increasingly aligned with two divergent points of view. We need "A triumph of wisdom and largeness of spirit against small minds and pettiness; a triumph of courage and determination over human frailty and weakness[1]".

1 Kathrada, Ahmed Kathrada Foundation

ALBERTO DA COSTA E SILVA

"PRECISAMOS CUIDAR BEM DA ÁFRICA"

ALBERTO DA COSTA E SILVA

"WE NEED TO TAKE GOOD CARE OF AFRICA"

Historiador, poeta e diplomata. Diversas são as funções de Alberto da Costa e Silva, mas a sua paixão parece ser uma só: a África. Nascido em São Paulo no ano de 1931, Alberto viveu parte da infância em Fortaleza e aos 13 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro. O apego por história e poesia veio sob influência do avô materno, que possuía uma extensa biblioteca e estimulou seu gosto por livros.

De acordo com Alberto, o continente africano é plural como qualquer outro. O problema é a percepção das pessoas sobre a África. Para ele, o continente é visto como uma única coisa e as pessoas não percebem as diversas culturas que lá vivem. "As pessoas têm a mania de dizer 'estou indo para a África'. É muito diferente você ir para Dar es Salaam, ou para Luanda, ou ir para Lagos", reflete.

Em 1957, Alberto da Costa e Silva formou-se no Instituto Rio Branco. A partir de então, atuou como di-

Alberto da Costa e Silva is a historian, poet, and diplomat. He performs diverse activities, but his passion seems to be one: Africa. He was born in São Paulo, in 1931, Alberto lived part of his childhood in Fortaleza and then when he was 13 years old, he moved to Rio de Janeiro. His affection for history and poetry came from the influence of his maternal grandfather, who owned a large library and fostered his love for books.

According to Alberto, the African continent is multifaceted, just like any other. The problem is how people perceive Africa. For him, the continent is viewed as a single thing and people do not perceive that diverse cultures live there. "People have the mania to say 'I am going to Africa'. It's very different whether you go to Dar es Salaam, or to Luanda, or go to Lagos", he reflects.

In 1957, Alberto da Costa e Silva graduated at the "Instituto Rio Branco" (Rio Branco Institute). After that, he

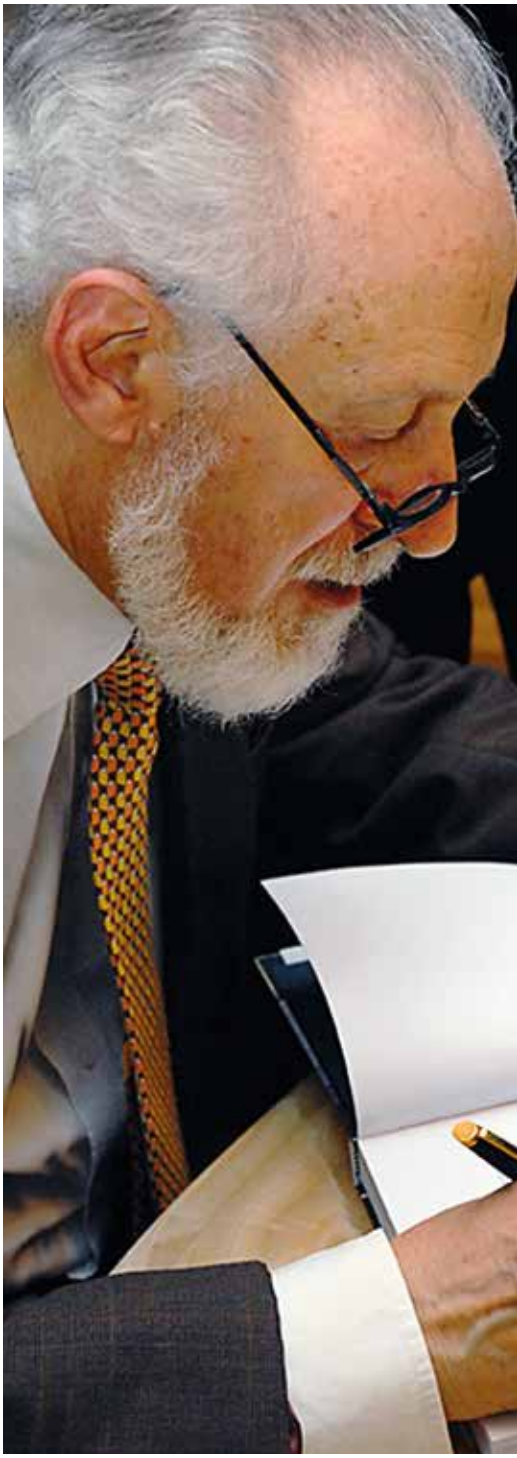
BEL PEDROSA

plomata em lugares como Lisboa, Washington, Madrid, Roma e Caracas. Foi embaixador no Paraguai, em Portugal, na Colômbia, na Nigéria e no Benim. Dentro do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, foi chefe do Departamento Cultural, Subsecretário-Geral e Inspetor-Geral do órgão. Além disso, é membro da Academia Brasileira de Letras.

Como pesquisador da África negra, publicou muitos livros que contam a história do continente no decorrer do tempo. Aos 85 anos, Alberto recebeu uma equipe de ATLANTICO em sua casa, no Rio de Janeiro. Na ocasião, falou sobre seu trabalho como diplomata e suas percepções sobre o continente africano. "Para cuidar da África, não basta comprar e vender, temos que olhar com interesse e curiosidade de quem abre a janela para a janela do vizinho".

Atlantico – Como nasceu o interesse do senhor pela África?
Alberto da Costa e Silva - Não foi no continente africano. Foi no Brasil. Aos meus 15 ou 16 anos, eu li "Casa Grande e Senzala", que todo mundo hoje lê, mas sem aquela noção de descobrimento, que era uma revelação, uma revelação do nosso passado africano que, pela primeira vez, isso era declarado em alto e bom som e começava a ser estudo. Depois que eu terminei de ler tive a compreensão de que não se pode entender o Brasil sem se conhecer Portugal e a África, porque grande parte da nossa vida, em todos os setores, está marcada por esses dois lugares. Comecei a me interessar, fui ler muitos livros e tudo que havia sobre África no Brasil eu comprava e lia. Era muito pouco. Mas a minha curiosidade era imensa. Saía muito pouco sobre a África nos jornais, mas aparecia. E me interessei desde muito cedo por arte africana, comecei a ler muito sobre arte africana. Foi um sentimento muito curioso e, depois, passou a ter umas certas nuances de que a arte africana tinha representado para a arte europeia, americana, assim como a arte grega antiga tinha representado para a italiana no Renascimento. A arte havia sido, digamos assim, a semente de uma nova concepção da África, assim como o descobrimento da antiguidade greco-latina tinha mudado a maneira de que os europeus viam o mundo, (antes) eles viam de uma maneira prática, agora viam de uma maneira naturalista. Os africanos estavam fazendo o contrário, fazendo com que os europeus abandonassem o naturalismo e voltassem para uma arte conceitual, para uma arte de criação livre. Aí, em um determinado momento da minha vida, aos 23 ou 24 anos, resolvi fazer exame para o Itamaraty e comecei a trabalhar lá. E descobri, na biblioteca do Itamaraty, livros que eu lia às vezes, de autores contemporâneos, que falavam das viagens dos portugueses, italianos e espanhóis, à costa da África. Muitos deles tinham sido do Barão do Rio Branco. Era um vício secreto.

Atlantico – Por que o Brasil precisa conhecer melhor a história da África?
Alberto da Costa e Silva - Nós devemos conhecer a África porque ela está ligada ao nosso passado, faz parte da construção do Brasil. Nós temos que estudá-la pelo que é, porque a África é interessantíssima. A busca da curiosidade, de algo novo, de algo diferente... de algo que nos assalta de um início e vai tomando conta da gente, uma espécie de vício, é mais ou menos como crack e cocaína. (risos). No caso da África vicia-se apenas para o bem.



"QUANDO EU DIGO QUE A ÁFRICA NÃO É UMA SÓ, É PORQUE AS PESSOAS TÊM A MANIA DE DIZER "ESTOU INDO PARA A ÁFRICA". ACONTECE QUE É MUITO DIFERENTE VOCÊ IR PARA DAR ES SALAAM, OU PARA LUANDA, OU IR PARA LAGOS"

CEL LISBOA IMPRENSA OFICIAL

was assigned as a diplomat in such places as Lisbon, Washington, Madrid, Rome, and Caracas. After that, he was the Brazilian ambassador to Paraguay, Portugal, Colombia, Nigeria, and Benin. Within the Ministry of Foreign Affairs of Brazil, he was head of the Cultural Department, Under-Secretary General and Inspector General of the organ. Besides that, he is a member of the Brazilian Academy of Letters.

As a researcher on black Africa, has published many books telling the history of the continent n the course of time. Alberto, now 85 years old, received a team from ATLANTICO at his home in Rio de Janeiro. At the time, he spoke about his work as a diplomat and his perceptions on the African continent. "To care for Africa, it is not enough t just to buy and sell, we have to look with interest and curiosity of who opens its own window to the neighbor's window".

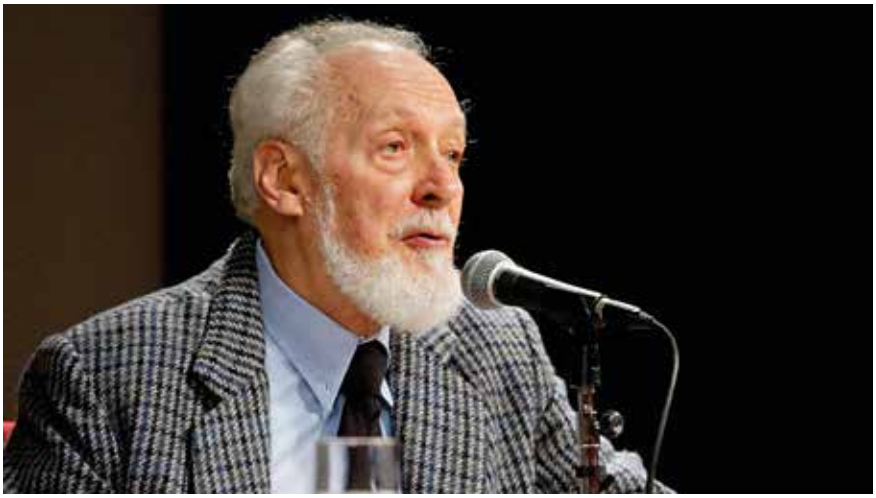
Atlantico – How did you first become interested in Africa?

Alberto da Costa e Silva – It did not happen in Africa. It took place in Brazil, when I was 15 or 16 years old, I read "Casa Grande e Senzala", everybody reads that today, but without any notion of discovery, that was a revelation, a revelation of our African past and for the first time, it was declared loud and clear and it began to be studied. After reading it, I could understand it was not possible to know Brazil, without first getting more in depth knowledge on Portugal and Africa, because most of our lives, among all sectors, have been affected by these two places. I began to be interested, so I read a great number of books and especially everything related to Africa in Brazil, I used to buy and read them. There was very little available. But my curiosity was immense. Very little was published on Africa in newspapers, but I was seeking to know more about that subject. I was interested in African art very early, and I began to read a lot about African art. I had a very curious feeling about it, and, afterwards, I started to have certain nuances about African art that had been represented in European and American art, just the same way ancient Greek art was represented by Italian art in the Renaissance. Art had been, let's say, the seed of a new conception on Africa, as well as the discovery of how ancient Greek-Latin had changed the way Europeans used to see the world, (before) they had seen in a practical way, now it was viewed in a naturalist manner. Africans were doing just the opposite, making the Europeans abandon naturalism and returning to a conceptual art, to a free creation type of art. Then, at a certain point in my life, at the age of 23 or 24, I decided to go to Itamaraty and start working there. And I discovered, in the Itamaraty library, books I read sometimes, from contemporary authors, with descriptions of the voyages of the Portuguese, Italians, and Spaniards, to the African coast. Many of them had belonged to the "Barão do Rio Branco". It was a secret addiction.

Atlantico – Why does Brazil need to become more familiar with the history of Africa?

Alberto da Costa e Silva – We must know more about Africa because it is connected to our past, it is part of the construction of Brazil. We must study it because Africa is extremely interesting. Searching for something new, something different, to satisfy our curiosity... something that assaults us and then it will take control of us, it is a type of addiction, sort of like crack and cocaine. (Laughs) In the case of Africa, it is an addiction for good purposes.

"WHEN I SAY THERE IS NOT JUST ONE AFRICA, IT IS BECAUSE PEOPLE HAVE THE MANIA TO SAY, "I AM GOING TO AFRICA". PEOPLE HAVE THE MANIA TO SAY 'I AM GOING TO AFRICA'. THERE ARE SO MANY DIFFERENCES IN GOING TO DAR EL SALAAM, OR TO LUANDA, OR GOING TO LAGOS".



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Atlantico - De maneira geral, quando se estuda a história do Brasil, o negro aparece como mão-de-obra cativa, salvo em algumas exceções. Qual o real papel do negro na história?

Alberto da Costa e Silva - O verdadeiro papel do negro foi de colonizador do Brasil, de co-construtor do Brasil. Nós ficamos muito com uma espécie de remorso coletivo ligado ao problema da escravidão, e temos essa tendência de vê-lo como um ex-escravo, quando, na verdade, o negro não é ex-escravo, é um ex-africano. É uma coisa diferente, porque todos nós fomos escravos. Na história da humanidade não há cultura que não tenha conhecido a escravidão. A escravidão não existiu só no Brasil. Existiu em Roma, na Inglaterra até o fim da Idade Média existiu na própria África, no Japão. O índio brasileiro conheceu a escravidão, o índio americano conheceu a escravidão... Então, o que acontece é o seguinte: nós passamos a ver o africano e os seus descendentes como força de trabalho e isso permeia, ou melhor, permeava a historiografia brasileira até há uns 30 anos atrás. Esta visão que o Gilberto Freyre é o primeiro a desmontar, o injustiçado Gilberto Freyre, que o Brasil esquece o quanto deve a ele, de que o negro é apenas mão de obra cativa. E nós nos esquecemos de que esse africano, trazido para cá à força, vai introduzir elementos de agricultura tropical, o trabalho do ferro, os primeiros fornos que o Brasil teve foram africanos. Quando se descobre o ouro, quem vai trabalhar o ouro é o negro, porque eles já tinham a tradição de trabalhar com o ouro na África muito antiga, porque cavavam minas, faziam ligações subterrâneas etc. Você acredita que Portugal, que não tinha ouro, sabia trabalhar com ouro? Aprendeu com o africano aqui! O africano vai ensinar também o branco e o índio como cuidar do gado. Os africanos tinham a habilidade de manejar o gado na África. E o que vai fazer o vaqueiro nordestino? Ele vai abrir o território brasileiro. Muito se fala dos bandeirantes, mas os vaqueiros brasileiros foram os que realmente abriram os espaços e ocuparam esses espaços. O africano influenciou muito o brasileiro, você pode ver isso na Bahia. E eu vou dizer uma coisa que eu não tenho certeza nenhuma, mas é uma hipótese que estou trabalhando nela. A Casa Grande no Brasil é uma criação da Senzala. Vou explicar. A Casa Grande geralmente era uma grande casa de tijolos, obedecendo, em geral, uma arquitetura portuguesa, que era o centro de uma área de exploração econômica. Ali morava o senhor com suas mulheres, os filhos e suas mulheres, as filhas com os maridos, os agregados e os escravos. Pois bem, isso não se encontra em Portugal. Em Portugal você tem a casa grande, que é o dono da terra, com sua mulher, com um ou dois filhos, o filho que vai herdar a casa e os empregados. E ele tem as outras mulheres em casas diferentes. Agora como é na África? Você tem uma cerca grande, cada mulher tem sua cabana, mas tudo em uma casa só, cercada. Tem suas mulheres, filhos, os escravos, os agregados... A Casa Grande é uma estrutura política socioeconômica de pensamento português e de construção africana. A maneira de viver do dono da casa grande, do grande chefão, era a mesma maneira de viver que do grande chefão na África. O sentido

A LITERATURA DO DIPLOMATA

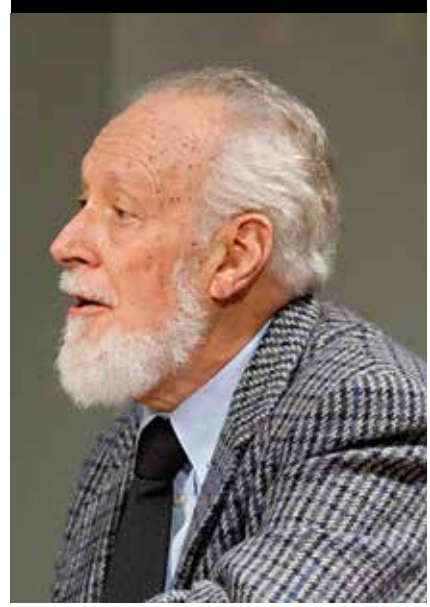
Os livros referentes à história da África negra, de Alberto da Costa e Silva são A enxada e a lança: a África antes dos Portugueses (1992), As relações entre o Brasil e a África Negra, de 1822 a 1° Guerra Mundial (1996), A manilha e o Libambo: A África e a Escravidão, de 1500 a 1700 (2002), Um Rio Chamado Atlântico (2012), Francisco Félix de Souza, Mercador de Escravos (2004). Alberto também tem publicados livros de poesia, ensaios, memoriais, antologias, obras coletivas e adaptações

Atlantico – In general, when one studies the history of Brazil, blacks are portrayed as captive workforce, except in some rare exceptions. What is the real role of black people in our history?

Alberto da Costa e Silva – The true role of the Negro was the colonizer of Brazil, the co-builder of Brazil. We get a lot of kind of collective remorse about the problem of slavery, and we tend to see him as a former slave, when, in fact, the Negro is not an ex-slave, he or she is a former African.. This is something different, because all of us have been slaves. In the history of humanity there is no culture that has not known slavery. Slavery was not only present in Brazil. It occurred in Rome, in England until the end of the Middle Ages and it even took place in Africa, in Japan. The Brazilian Indian had even experienced slavery, and the American Indian experienced slavery... Thus, what happens is the following: we end up seeing the Africans and their descendants as a workforce and that permeates, or better yet, it permeated Brazilian historiography up to 30 years ago. This view that Gilberto Freyre is the first to dismantle, the wronged Gilberto Freyre, that Brazil forgets how much it owes to him, that only remembers that black is captive labor. And we forget that this African, brought here by force that would introduce elements of tropical agriculture, iron working, and the first furnaces in Brazil were made by Africans. When gold was discovered, it was the blacks who wrought gold, because they already had traditionally wrought gold in Africa for a long time, because they had already dug in mines, made underground connections, etc. Do you believe that Portugal, which had no gold, knew how to work with gold? They learned here from the Africans! Africans would also teach the white man and the Indian how to raise and handle cattle. African already had the skills for raising and handling cattle in Africa. And what will do the cowboys from the Northeast of Brazil? He will open the Brazilian territory. Lots of people speak about the "Bandeirantes", but the Brazilian cowboys were the ones who really pioneered and occupied these spaces. The African influenced the Brazilian a lot, you can see that in Bahia..I am going to say something, I am really not sure about, and it is a hypothesis I am working on. The "Casa Grande" (Big House) in Brazil is a creation from the "Senzala" (Quilombo-Maroon). I will explain. The "Casa Grande" is normally a big brick house, generally abiding by Portuguese style architecture which was the center of an area of economic exploration. The master lived there with his women, his sons and their wives, the daughters and their husbands, the clustered assistants and slaves; as this is not found in Portugal. In Portugal, there would be a big house, where the owner of the property lived with his wife and one or two children, the son who would inherent the house and the servants.. And he has other women in different houses. Now, what is it like in Africa? There is a big house; each woman has her own cabin, but everything in one only fenced in house. There are his women, children, slaves, and aggregates... The "Casa Grande" is a socioeconomic political structure based on a concept of Portuguese thinking and African construction. The way the "casa grande" owner lives, the big boss lives the same way as the big chief in Africa. The concept is, the more people who live under your control, the more powerful you are. Then, there are things people quickly recognize on a street in Rio de Janeiro similar to what one sees in Africa for those of you who have lived there, such as the way people walk and the way people sit. Certain of our manners are very African, and others are not ... Others we have lost. But, there is the presence of Africa here, the impact of African thinking is very strong in Brazil, the same way the

THE DIPLOMAT'S LITERATURE

The following are the books written by Alberto da Costa e Silva, related to black African history: "A enxada e a lança: a África antes dos Portugueses" (The hoe and the lance: Africa before the Portuguese) (1992), "As relações entre o Brasil e a África Negra, de 1822 a 1° Guerra Mundial" (Relations between Brazil and Black Africa, from 1822 to the First World War) (1996), "A manilha e o Libambo: A África e a Escravidão, de 1500 a 1700" (The shackle and Yoke: Africa and Slavery, from 1500 to 1700) (2002), "Um Rio Chamado Atlântico" (A River Named Atlantic) (2012), "Francisco Félix de Souza, Mercador de Escravos" (Francisco Félix de Souza, Slave Merchant) (2004). Alberto also published poetry books, essays, memorials, anthologies, collective works and adaptations.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

era, quando mais gente você tem no seu comando, mais poderoso você é. Então, se tem coisas que quem viveu na África reconhece um africano na rua do Rio de Janeiro rapidamente, pela maneira de andar, pela maneira de sentar. Determinadas maneiras de nós sermos são muito africanas, e outras não... Outras nós perdemos. Mas se tem uma presença da África material, da África como pensamento muito forte no Brasil, da mesma maneira que você tem dos portugueses. Se você vai à Recife ver aqueles bonecos enormes no Carnaval. Aí você vai na África, chega no Togo, por exemplo, vê aqueles bonecos enormes. Foi do Brasil para África. Esses bonecos são bonecos de festas portuguesas. Vieram para o Brasil de Portugal e do Brasil foram para a África. Determinadas coisas que nós pensamos que são criações africanas, não são. Feijoada é portuguesa. Mas era feito com feijão branco. É que quando a gente recebe alguma coisa de outros povos, a gente muda.

Atlantico - Quais as principais lembranças o senhor tem do tempo em que morou na África?
Alberto da Costa e Silva - São tantas lembranças. Em 1960, a segunda vez que eu fui a Lagos, na Nigéria, no hotel pra tomar um café da manhã, vi chegar duas senhoras perto de mim e um delas diz assim "como vão os meus patrícios?" Era uma senhora africana, brasileira, que tinha voltado para África quando tinha 14 anos com os pais dela e nunca mais tinha visto um brasileiro e nunca mais tinha falado português, mas falava e escrevia português perfeitamente. Ela estava com uma amiga que também era descendente de brasileiro, mas já tinha perdido o uso da fala e não era capaz de ter uma conversação. Dona Romana da Conceição. Essa tinha a conversação e foi emocionante, pra mim e pra ela. Eu não esperava encontrar isso. Foi uma emoção muito viva e muito forte. E depois, evidentemente, fui conhecer o quarteirão brasileiro que está acabando, porque o centro da cidade, na parte mais valorizada, as ruas brasileiras estão sendo demolidas para construir grandes prédios.

Atlantico - O senhor defende que a África, como unidade, não existe. Qual seria a melhor definição para o continente?
Alberto da Costa e Silva - Como a Europa, como unidade, estão tentando construir e olha a dificuldade. Quando eu digo que a África não é uma só, é porque as pessoas têm a mania de dizer "estou indo para a África". Acontece que é muito diferente você ir para Dar el Salaam, ou para Luanda, ou ir para Lagos. Os africanos só se reconheceram como africanos quando chegaram no Brasil e nos Estados Unidos, porque aí então eles olhavam para o outro e passavam a reconhecer o branco e o negro, o africano e o europeu. É uma coisa que é muito curiosa quando se estuda os descendentes. É verificar como eram diferentes os crioulos nascidos no Brasil e os da África. Ao ponto de mulheres africanas não se casarem com crioulos e vice-versa. Eles não se viam como iguais. Nós temos a tendência de achar que tudo é uma coisa só. Quando eu falo de unidade eu me referi a isso.

Atlantico - A que se deve esse recente interesse do mundo no continente africano? Podemos chamar de uma colonização?
Alberto da Costa e Silva - Desde que comecei a me preocupar com África eu vejo o interesse do mundo e do Brasil aumentar e diminuir, dependendo do desenvolvimento e da circunstância. Eu vivi na África durante três anos e vivi em um desses momentos em que a África era um grande objeto de interesse econômico e de curiosidade intelectual. Depois isso mudou. Os africanos já levam tanta pancada que não precisa levar pancada de amigo. Porque a nossa maneira de ver as coisas é distinta das deles. Um fato curioso: a minha esposa, que já faleceu, era poliglota, tinha facilidade para línguas e estava dando aula de francês para a mulher do ministro das Finanças da Nigéria. Um dia eu cheguei em casa e minha mulher disse "Você não sabe o que aconteceu. A Mina me disse 'Agora que tenho intimidade com você quero fazer uma pergunta que eu sempre quis fazer com uma mulher ocidental. Como vocês aguentam ser uma mulher só para um homem? Isso é uma missão muito chata, eles dão muito trabalho. Eles precisam de pelo menos duas para aguentar". E ela respondeu "Você sabe que eu nunca tinha pensado nisso?" (risos). São diferenças de cultura e comportamento.

"O MEU MAIOR INTERESSE SEMPRE FOI O PASSADO, PORQUE EU ESTOU CANSADO DO PRESENTE. O QUE NÓS TEMOS TODOS OS DIAS NÃO ME AGRADA. O PASSADO TAMBÉM NÃO ME AGRADA, MAS EU GOSTO DE CONHECÊ-LO"

AGÊNCIA BRASIL

"MY MAIN INTEREST HAS ALREADY BEEN THE PAST, AS I AM TIRED OF THE PRESENT. WHAT IS GOING ON TODAY IS NOT PLEASING TO ME. THE PAST ALSO DOES NOT PLEASE ME, BUT I LIKE TO KNOW WHAT WENT ON."

Portuguese way is. If you go to Recife, you will see those enormous Carnival dolls. Then, when you go to Africa, and you arrive in Togo, for example, you will see those same types of enormous dolls. They went from Brazil to Africa. Those dolls are Portuguese party dolls. They came to Brazil from Portugal and from Brazil to Africa. Certain things we think are African creations, but they are not. "Feijoada" (black beans and meat stew) was originally a Portuguese dish made with white beans, but it was originally made from white beans. And when we get something from other people, we change it.

Atlantico – What are your main memories of the time you lived in Africa?

Alberto da Costa e Silva – There are so many memories. I went to Lagos, in Nigeria, the second time in 1960, in the hotel I went to eat breakfast and I saw two ladies near me and one of them said, like this, "How are you my fellow patriots?" It was a Brazilian African lady who had returned to African when she was 14 years old with her parents and who had never seen a Brazilian again and had not spoken Portuguese any more, but she spoke and wrote Portuguese perfectly. She was with a friend who also was from Brazilian background, but had forgotten how to speak and was no longer able to speak the language. Dona Romana da Conceição. We had a conversation and it was exciting for me and for her. I did not expect this to happen. It was a very lively and exciting experience. And afterwards, evidently, I found out that the Brazilian block was disappearing, as downtown was the most valuable property and the Brazilian streets were being demolished to build great buildings.

Atlantico – You argue that Africa, as a unit, does not exist. What would be the best definition for the continent?

Alberto da Costa e Silva – Just like Europe is a unit, they are trying to put it together and see how difficult it is.... When I say that Africa is not just one thing, that is because people have the habit of saying, "I am going to Africa". It is extremely different when you go to Dar es Salaam, or to Luanda, or go to Lagos. African only recognize themselves as African, when they arrive in Brazil and the United States, because then they looked at each other and began to recognize white and black, African and European. It is very curious and interesting when someone studies ancestries; and verifies the difference between Creole people born in Brazil and Africa. To the point that African women do not marry Creoles and vice versa. They did not consider themselves as equals. We tend to think that it is the same thing. When I speak about a unit, I am referring to this.

Atlantico – What is the reason for the recent world interest in the African continent? Can we call it colonization?

Alberto da Costa e Silva – Since I began to be concerned about Africa and I see the interest from other countries in the world and Brazil increasing and decreasing, depending on the development and circumstances. I have lived in Africa for three years and I experienced those moments when Africa was considered as economically very valuable and an intellectual curiosity.After that, things changed. Africans have already undergone so many hard-knocks and they do not need to suffer any more hard-knocks from a friend. Because our way of seeing things is different from theirs. A curious fact: my wife, who passed away, was polyglot and had language skills and was teaching French for the wife of the Minister of Finance of Nigeria. One day I arrived home and my wife said "You do not know what happened. Mina told me, 'Now that I feel closer to you, I wish to ask a question, I have always wanted to ask a western woman. How can you stand being the wife of one man? That is a very boring mission; as they are a lot of hard work. They need at least two to be able to bear it". And she answered "You know, I had never thought about that?" (laughs). They are cultural and behavioral differences.

Atlantico – You have kept up with the history of Africa in the last 50 years. What have been the main changes on the continent, from the period you were here up to now?

Alberto da Costa e Silva – My main interest has already been the past, as I am tired of the present. What is going on today is not pleasing to me. The past also does not please me, but I like to know what went on. My career made me return to other subjects. For

Atlantico - O senhor tem acompanhado a história da África nos últimos 50 anos. Quais foram as principais mudanças que houve no continente, do período em que esteve lá até agora?
Alberto da Costa e Silva - O meu maior interesse sempre foi o passado, porque eu estou cansado do presente. O que nós temos todos os dias não me agrada. O passado também não me agrada, mas eu gosto de conhecê-lo. Eu tive uma carreira que exigiu de mim que me voltasse para outros assuntos. Por exemplo, eu fui embaixador em Lagos, depois fui Chefe da Divisão de Controle de Departamento Cultural do Itamaraty, depois Subsecretário Geral para a Administração, fui ser embaixador em Lisboa, embaixador na Colômbia e depois no Paraguai. Então, eu tive que estudar tudo, mas como eu tinha maior interesse pela África antiga, me dediquei mais. Boa parte dos meus fins de semana e das minhas horas me dedico à África antiga. Pois bem, no início a África foi uma grande esperança. Nos anos 60 a África cresceu muito, assumiu a posse e controle dos seus recursos naturais, começaram a se fazer sentir por vários aspectos, sobretudo porque os partidos começaram a se transformar em partidos nacionais, cada um deles representando um grupo ou uma nação. Grandes partidos formados por um conjunto de povos que eram aliados, mas mesmo nesses grandes partidos havia divisão de acordos com os povos. Aqueles segmentos/nações que assumiram o comando começaram a drenar para a cidade os recursos gerados no interior. Assim, por exemplo, a Costa do Marfim progrediu muito em relação ao preço do café e do cacau, mas alguns plantadores de café e de cacau pouco se beneficiaram, porque quem comercializava o produto era o estado, o produto estava na mão de gente que não entendia, de quem nunca tinham visto um pé de café. Então, começou um conflito não só dentre os povos e diferentes nações, mas entre os interesses econômicos e antagônicos, entre a cidade e o campo, no qual a cidade era representada por algumas nações e o campo por outras. Nesse momento conflitivo os militares tomaram o poder em quase todos esses países. As forças armadas francesas e inglesas se transformaram em forças armadas senegalesas. Então, foi um período muito complexo nos anos 80, em que a África ficou quase toda controlada por regime de partido único, ou militar ou civil, mas quando civil, com forte apoio militar. Então, a década de 80, pode-se dizer, que para a África, mais que para o Brasil, foi uma década perdida. E nos anos 90 começa uma reviravolta, o continente vai aceitando o fato de que os países podem ser constituídos de muitos povos e diferentes nações.

> "NÃO SOU RESPONSÁVEL POR ISSO (TRÁFICO DE ESCRAVOS), NÃO TENHO QUE PEDIR DESCULPAS PRA NINGUÉM. QUEM DEVIA TER PEDIDO DESCULPAS ERAM MEUS ANTEPASSADOS, MAS EU NÃO RECEBI DE LEGADO A PARTICIPAÇÃO DESSA TRAGÉDIA"

Atlantico - Muito se fala que a África é o continente do futuro. Por ser jovem, ter um desempenho econômico positivo e por estar passando por um processo de mudança. Que perspectivas o senhor tem em relação ao continente para os próximos anos?
Alberto da Costa e Silva - Eu torço para que eles continuem como estão agora, com poucos lugares com conflito. Ainda há certas áreas na África conflituosas, mas espero que eles superem isso.

Atlantico - Como o senhor tem acompanhado a questão da imigração?
Alberto da Costa e Silva - Sempre houve imigração, a história da humanidade é uma história de imigração, toda ela. Ninguém nunca ficou em um lugar onde nasceu, ninguém que eu digo, o povo, o homem. Ele sempre se expande, se mistura.

Atlantico - Mas o fenômeno, hoje, é mais preocupante?
Alberto da Costa e Silva - Mas isso vai se ver, não com África e Europa, mas com os conflitos palestinos. Se pensava que havia remédio fácil, mas não há remédio para conflito. Não nos iludamos, se não cuidarmos bem da África ela vai ser um problema pra nós daqui a 100 ou 50 anos. Nós temos que cuidar da África. Então, para cuidar da África, não basta comprar e vender. Nós temos que olhar com interesse e curiosidade de quem abre a janela para a janela do vizinho. Não é que nós tenhamos dívida com a África. O fenômeno do tráfico escravo transatlântico foi terrível, foi a mais feroz ação humana que houve, uma transmigração forçada de 12 milhões de criaturas humanas... Eu não sou responsável por isso, não tenho que pedir desculpas pra ninguém. Quem devia ter pedido desculpas era meus antepassados, mas eu não herdei, não recebi de legado a participação dessa tragédia. Não transfiram para o presente as culpas do passado e não expliquemos as nossas falências pelo passado. Há uma tendência no Brasil para atribuir qualquer coisa à escravidão. isso é fruto da nossa incompetência de fabricar um mundo justo. Eu tenho 85 anos de idade, quando eu me dei por gente, esses problemas poderiam ter começado a ser resolvidos, não foram porque somos incompetentes. Nós não tivemos o sentimento de justiça, nós não somos generosos.

example, I was the ambassador to Lagos, after that, I was the Head of the Cultural Department Control Division at Itamaraty, after that, I was the General Assistant Secretariat for the Administration, and after that, I was the ambassador to Lisbon, ambassador in Colombia, and then to Paraguay. So, I had to study a lot, but my greatest interest was on ancient Africa and I dedicated myself to that. Most of my weekends, I spent dedicating my studies on ancient Africa. Well, in the beginning Africa was a great hope. In the 1960s, Africa has grown a lot, took control of business interests and its natural resources, and began to improve in various aspects, moreover, because the political parties began to become national parties, each one of them started to represent a group or a nation. Large political parties joined into a set of allied people, but even in these parties, there were divisions of agreements with people. Those segments/nations that took control began to drain the resources generated in the countryside to the city. Thus, for example, Ivory Coast made a lot of progress related to the price of coffee and cocoa, but some coffee and cocoa bean growers benefitted very little, because the state marketed the product, which which was in the hands of people who did not understand it, of whom had never seen a coffee tree.Then, a conflict started not only among people and different nations, but among economic and antagonistic interests, between the city and the country, whereas the city represented some nations and the country was represented by others. At this conflicting time, the military forces took control of almost all these countries. The French and the British armed forces transformed into Senegalese armed forces. Then, it was a very complex period during the 1980s, when Africa became controlled by a single party regime, either military or civil, but when it was civil, it was backed by strong military support. So the 1980s, it could be said that for Africa, more than for Brazil, it was a lost decade. In the 1990s, a reversal started, the continent was starting to accept the fact that the countries could be constituted by many different peoples and different nations.

"I AM NOT RESPONSIBLE FOR THIS (SLAVE TRADE), I DO NOT HAVE TO ASK FORGIVENESS FROM ANYONE. MY PREDECESSORS HAD TO ASK FORGIVENESS, BUT I DID NOT INHERIT THIS, I DID NOT RECEIVE THE LEGACY FROM PARTICIPATING IN THIS TRAGEDY."

Atlantico – Many people say Africa is the continent of the future, as the population is so young, there is positive economic performance, and as it is going through process of changes. What prospects do you have for the continent for the next few years?
Alberto da Costa e Silva – I pray that they will continue as they are now, as few places are going through conflicts. There are still areas in conflict in Africa, but I hope they will overcome it.

Atlantico – How have you been following the immigration issue?
Alberto da Costa e Silva – There has always been immigration, as the history of humanity there has always been a history of immigration. Nobody stays in the place where he/she is born, I say nobody when speaking about the human being. One is always expanding and mixing with others.

Atlantico – But is the phenomenon more troubling today?
Alberto da Costa e Silva – So, we are not going to see this in Africa and Europe, but much more in Palestine conflicts. People thought there was an easy solution, but there is no solution for conflict. Mankind cannot be eluded; if we do not take good care of Africa, it will be a big problem in 100 or even 50 years from now. We have to care about Africa. Our concern for it is not just buying and selling. We have to look and be interested and have the curiosity to open our neighbor's window. We do not have a debt with Africa. The phenomenon of the transatlantic slave trade was terrible and it was the most ferocious action that man could ever had done, as it was the forced transmigration of 12 million human beings... I am not responsible for this; I do not have to ask forgiveness from anyone. My predecessors had to ask forgiveness, but I did not inherit this, I did not receive the legacy from participating in this tragedy. The blame from the past is not transferred to the present and we do not explain our failures through the past. There is a tendency in Brazil to attribute anything to slavery. This is the result of our incompetence to build a just world.. I am 85 years old and when I realized it, these problems could have started to be solved, they did not occur because we are incompetent. We did not have a sense of justice, we are not generous.

ÁFRICA, UM CONTINENTE ATRAÍDO PELA INOVAÇÃO

Em 2012, quando trabalhava no mercado financeiro em Paris, O camaronense Christian Kamayou, criou o serviço Financetesetudes.com, uma espécie de corretora online especializada em empréstimos bancários para estudantes. A ferramenta gratuita ajuda a colocar estudantes e bancos frente-a-frente, diminuindo a burocracia e reduzindo custos. Dois anos depois, ele percebeu que o continente africano está crescendo, apesar da falta de visibilidade para ideias como a dele, inovadoras mas sem visibilidade na mídia e precisando de investidores. Daí surgiu a ideia de fundar a organização MyAfricanStartUp.

Com mais de 70% da população com idade inferior a 30 anos, a África é um continente relativamente jovem e deve permanecer nessa condição durante as próximas décadas. Em 2025, um quarto de todos os jovens menores de 25 anos no mundo será africano, segundo projeções da Comissão Econômica da Organização das Nações Unidas para a África. Jovens como Christian têm pensando em soluções inovadoras para os problemas cotidianos e buscam transformar essas soluções em negócios. Como resultado desse movimento está surgindo um ecossistema fértil para o empreendedorismo, como prova a proliferação das inúmeras startups - modelos de negócios que buscam explorar atividades inovadoras - além de espaços de coworking, que reúnem dúzias dessas empresas, como iHub, em Nairobi, o Leadspace, em Lagos e o JoziHub, em Joanesburgo.

"Inicialmente, foi necessário realizar duas estratégias. Uma foi criar uma plataforma onde nós pudéssemos ajudar as startups a ganhar visibilidade e ligá-las com os investidores. A segunda estratégia era ter um evento físico", explica o indiano Sathiaya Nathan, diretor de marketing da MyAfricanStartUp. O primeiro evento, que aconteceu em 2015, teve o apoio do AfDB e de outras grandes instituições. "Uma coisa especial que aconteceu nesse evento foi o Startup Bus. Nós viajamos pela África, começando pela Nigéria, selecionando grupos de startups, que eram colocados dentro do ônibus e, durante a viagem, desenvolviam suas ideias. Também havia experts viajando no ônibus com eles para ajudá-los a desenvolver as ideias de forma mais eficiente", conta. Recentemente, a organização lançou uma publicação com uma lista de 100 startups para investir na África com o foco em conseguir visibilidade para as startups e atrair mais investimentos estrangeiros. O modelo usado pela organização está sendo implementado na Índia pelo próprio Nathan.

AFRICA IS A CONTINENT ATTRACTED BY INNOVATION

In 2012, while working in the financial market in Paris, the Cameroonian Christian Kamayou, created the service Financetesetudes.com, a type of online brokerage specialized in bank loans for students. The free tool helps students and banks come face-to-face, thereby decreasing red-tape and cutting costs. Two years later, he realized that the African continent is growing, despite the lack of visibility for ideas such as his, innovative but without visibility in the media and in need of investors. hen, came the idea of founding the organization MyAfricanStartUp

With more than 70% of the population under the age of 30, Africa is a relatively young continent and should remain in that condition for decades to come. In 2025, one fourth of all young people under 25 years old in the world will be African , according to forecasts from the United Nations Economic Commission for Africa. Young people like Christian have been thinking of innovative solutions for everyday problems and seeking to transform these solutions into businesses. As a result of that course of action fertile ecosystems are arising for entrepreneurship and as a proof of that, there is the proliferation of countless startups – business models seeking to explore innovative activities – as well as coworking spaces, whereas dozens of these companies are joining forces, such as iHub, in Nairobi, Leadspace, in Lagos, and JoziHub, in Johannesburg.

"Initially, it was necessary to operate two strategies. One was to create a platform where we could help startups gain visibility and connect them with investors. The second strategy was holding an in loco event", explains Sathiaya Nathan, from India, marketing director of MyAfricanStartUp. The first event took place in 2015, sponsored by AfDB and other large institutions. "The Startup Bus was something special that took place at that event. We traveled through Africa, beginning in Nigeria and selected groups of startups and these startups were setup on the bus and, then during the trip, they continued developing their ideas. There were also experts traveling on the bus to help them develop ideas more efficiently",he tells. Recently, the organization launched a publication listing 100 startups for investments in Africa focused on achieving more visibility for startups and also attracting foreign investments. The model used by the organization is being implemented in India by Nathan himself.

EM BUSCA DE ANJOS

Empreender não é fácil. E inovar também não. Por isso, as startups precisam de apoio de organizações que ajudam a desenvolver melhor cada ideia, como as incubadoras e também a figura do investidor-anjo. O ambiente empreendedor, apesar de bem competitivo, é bastante desafiador. "Um dos principais desafios é conhecer o mercado onde você vai atuar. É muito comum se conhecer empreendedores que acham que tiveram uma ideia brilhante e que sonham em fazer algo inovador, mas que não conhecem o mercado. É preciso estudar, conhecer muita gente, conversar bastante, se capacitar para entender de finanças, marketing, da parte técnica e, também, encontrar sócios que completem a suas qualidades", acredita Cassio Spina, fundador da Anjos do Brasil, uma organização brasileira voltada para incentivar o investimento-anjo e apoiar o empreendedorismo inovador no país. "A gente faz um filtro com os empreendedores e compartilha com os membros, que, caso se interessem, terão o contato direto com esses empreendedores. A gente tem grupo de investidores espalhados pelo Brasil, que fala direto com o empreendedor", explica Spina. Ele conta que antes do empreendedor ir atrás de um investimento-anjo é importante estudar e entender como o negócio funciona. "Isso é fundamental para ter sucesso. E acabar com o mito da grande ideia: o mais importante é a execução. O maior desafio, portanto, é tirar o empreendimento do papel", determina.

FOTOS AFRICAN DEVELOPMENT BANKS

OS MELHORES AMBIENTES PARA EMPREENDER NA ÁFRICA

Esse novo momento para o empreendedorismo africano está registrado no recém-lançado relatório Global Startup Ecosystem Report e Ranking 2017 , elaborado por duas importantes organizações internacionais, a Startup Genome e a Global Entrepreneurship Network (GEN). Apesar de nenhum país africano ter alcançado a lista dos 20 mais empreendedores do mundo, três cidades da região foram mencionadas com destaque no documento: Lagos, Cape Town e Johannesburg. O ecossistema de startups de Lagos movimenta US$ 2 bilhões e é considerado o mais valioso do continente africano. A cidade nigeriana também se destaca pelo fato de 93% dos fundadores de startups terem uma formação técnica, a terceira maior taxa do mundo.

"Estes são tempos emocionantes para o rápido crescimento do ecossistema de startups em Lagos. Estamos vendo startups boas e inovadoras surgirem através do sistema de investidores locais e internacionais fornecendo capital inicial para os empreendimentos. Certamente, ainda há muitos desafios enfrentados pelo ecossistema, mas isso é de se esperar já que esse ecossistema está no início", comemora Collins Onuegbu, diretor da Lagos Angel Network, entidade sem fins lucrativos que reúne investidores-anjo e empreendedores. Estima-se que a cidade possua entre 400 e 700 startups ativas. Esse número elevado se deve ao alto índice de conectividade. O relatório diz que "a Nigéria adiciona seis milhões de novos usuários de internet a cada ano e a energia empreendedora febril de Lagos fornece novas tecnologias úteis".

Cape Town, por sua vez, tem o maior ecossistema de startups no continente africano, com um número estimado entre 700 e 1200 startups ativas na cidade. Todo o ecossistema, no entanto, é avaliado em US $ 172 milhões, bem abaixo de Lagos e Joanesburgo. O número de negócios inovadores se deve sobretudo às sólidas instituições acadêmicas da cidade. "As ideias são fáceis, a implementação é difícil, por isso ajudamos a expor as startups ao pensamento que expande seus modelos de negócios, chegando ao 'porquê' mais rápido", explica Lianne Du Toit, gerente de ecossistemas do MTN Solution Space, da University of Cape Town Graduate School of Business (GSB).

SEEKING ANGELS

Entrepreneurship is not an easy task. And innovating is not easy either. For this reason, startups need support from organizations to help them to enhance the development of each idea, such as business incubators and also angel investors. The entrepreneurial environment, despite being very competitive, it is quite challenging. "One of the main challenges is becoming familiar with the market where one is going to operate. It is very common to meet entrepreneurs who think they had a brilliant idea and they dream about doing something innovative, but they were not familiar with the nature of the market. It is necessary to study, meet many people, become capable of understanding finances, marketing, the technical aspects, and also find partners who supplement and complete your qualities", believes Cassio Spina, founder of "Anjos do Brasil" (Brazilian Angels), a Brazilian organization dedicated to motivating the angel investor and support innovative entrepreneurial activities in the country. "We do screening with the entrepreneurs and share with the members, who, if they are interested, they will get directly in contact with these entrepreneurs. "We have a group of investors spread across Brazil, who speak directly to the entrepreneur", explains Spina. He says that before the entrepreneur goes after an angel investor, it is important to study and understand how the business operates. "This is fundamental for achieving success. And do away with that myth of the great idea: the most important thing is the execution. The biggest challenge, therefore, is to make entrepreneurship a reality.", he states.

THE BEST ENVIRONMENTS FOR ENTREPRENEURSHIP IN AFRICA

This new moment for African enterprising is registered on the recently published report Global Startup Ecosystem Report and Ranking 2017, drafted by two important international organizations, Startup Genome and Global Entrepreneurship Network (GEN). Although no African country is ranked on the 20 most entrepreneurial countries in the world, three cities in the region were honorably mentioned in the document: Lagos, Cape Town, and Johannesburg. The startup ecosystem in Lagos transacts US$ 2 billion and it is considered the most valuable on the African continent. The Nigerian capital city was also mentioned for the fact that 93% of the startup founders have a technical background, the third highest rate in the world.

"These are exciting times for the rapid growth of the ecosystem of startups in Lagos. We see good and innovative startups through the local and international system of investors supplying startup capital for the entrepreneurships. Certainly, there are still a great deal of challenges facing the ecosystem, but that is expected since that ecosystem is just beginning", celebrates Collins Onuegbu, director of Lagos Angel Network, a nonprofit entity that unites angel investors and entrepreneurs. It is estimated that the city has between 400 and 700 active startups. That number is high due to the strong rate of connectivity. The report states that, "Nigeria adds six million new internet users every year and the feverish entrepreneurship energy in Lagos supplies new useful technologies".

Cape Town, on the other hand, boasts the greatest startup ecosystem on the African continent, as there is an estimated 700 to 1200 active startups in the city. Although, the entire ecosystem is evaluated at US $ 172 million, much lower than Lagos and Johannesburg. The number of innovative businesses is mainly due to the solid academic institutions of the city. "Ideas are easy, implementation is difficult, so we help startups think of expanding their business models, getting to the 'why' faster", explains Lianne Du Toit, ecosystem manager at MTN Solution Space, at the University of Cape Town Graduate School of Business (GSB).

O ecossistema com maior conexão global no continente africano é Joanesburgo, movimentando US$ 1,36 bilhão. A cidade tem a terceira maior porcentagem de startups que atuam globalmente (67%) bem acima da média global, que é de 51%, abriga entre 200 a 500 startups ativas e recebeu cerca de 180 eventos no ano passado. O mais importante deles foi realizado no último mês de março: o Congresso Global de Empreendedorismo. Pela primeira vez o evento foi organizado no continente africano, reunindo mais de 6.000 participantes de todo o mundo durante uma semana. "Como o epicentro financeiro e corporativo do continente, Joanesburgo é vista por muitos como a Nova Iorque da África. Com todas as principais sedes corporativas aqui e grande conectividade para todo o continente, é o local ideal para construir parcerias corporativas e expandir em todo o continente", defende Marcello Schermer, diretor da organização suiça Seedstars World.

Além de Nigéria e África do Sul, o Quênia tem se projetado como um dos líderes de tecnologia do continente. Mais da metade da população da maior economia do Leste da África tem acesso à internet. O país também é lar de um grupo crescente de usuários de telefones celulares. Além disso, possui uma complexa rede de incubadoras e espaços de inicialização. "Nairobi emergiu como um centro de tecnologia e pode se tornar o líder africano", escreveu Eric Schmidt, presidente executivo da Alphabet, empresa dona do Google, em post na rede social Google+, depois de uma semana viajando pela África subsaariana, em 2013. "A conectividade móvel é a maior coisa que África tem. A Internet na África será principalmente móvel", completa. "A informação é poder, e mais informação significa mais opções."

The largest overall connected ecosystem on the African continent is Johannesburg, transacting US$ 1.36 billion. This city has the third highest percentage of startups acting globally (67%) much greater than the overall average, which is 51%, harboring from 200 to 500 active startups and hosting 180 events last year. The most important of them was held last March: the Global Entrepreneurship Congress. This was the first time it was organized on the African continent, attracting over 6,000 participants from all over the world for one week. "Johannesburg is the financial and corporate epicenter of the continent and it is considered as the New York City of Africa by many people. With all major corporate headquarters here and great connectivity across the continent, it is the ideal place to build corporate partnerships and expand across the continent, "said Marcello Schermer, director of the Swiss organization Seedstars World.

Besides Nigeria and South Africa, Kenya has been displayed as one of the technological leaders on the continent. Over half the population from the largest economy has internet access in Eastern Africa. This country is also the home of the growing number of cell phone users. Besides that, there is a complex network of incubators and appropriate spaces for starting up. "Nairobi has emerged as a technological center and it may become the African leader", wrote Eric Schmidt, executive president of Alphabet, the holding company of Google, stated in a post in the Google+ social network, after traveling through the Sub-Saharan region of Africa in 2013. "Mobile connectivity is one of the greatest things Africa has. Internet access in Africa is mainly mobile", he adds. "Information is power, and more information means more available options."

OS JOVENS NA AGENDA DO AFDB

Em novembro do ano passado, o Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB) lançou em parceria com o Banco Europeu de Investimento (BEI), a iniciativa Boost Africa, que pretende estimular o potencial empresarial dos jovens africanos na criação de empresas inovadoras e atraentes. A ideia é que essas empresas tenham a capacidade para competir regionalmente e globalmente, atrair investimentos diretos nacionais e estrangeiros, criar novos empregos e contribuir para um crescimento econômico inclusivo e sustentável. "A Boost Africa ajudará a população jovem de África a ganhar esperança e confiança de que eles podem ter sucesso em realizar seus sonhos e aspirações", acredita Akinwumi Adesina, presidente do AfDB.

O foco da iniciativa será em setores onde as inovações podem melhorar diretamente a qualidade de vida das pessoas, em particular das famílias mais pobres, proporcionando acesso a produtos e serviços acessíveis. "Trata-se, assim, de uma forma concreta de combater os fatores de longo prazo que alimentam a pobreza, a instabilidade e a fuga de cérebros", afirmou o presidente do BEI, Werner Hoyer.

Um dos diferenciais do programa é o uso da rede de parceiros dos dois bancos, que será usada para acelerar o crescimento e o desenvolvimento das empresas em fase embrionária. Como um investimento combinado inicial de até € 150 milhões, a iniciativa está prevista para alavancar até € 1 bilhão em investimentos adicionais no período de oito anos. "O futuro de África será determinado pela juventude atual e é crucial que criemos e apoiemos oportunidades do empreendimento para a juventude que gerem histórias do sucesso, mostrando-as como exemplos para outros jovens", afirma Akinwumi Adesina. Se o empreendedorismo africano tivesse uma trilha sonora, ela provavelmente seria embalada por uma canção dos Rolling Stones que diz "If you start me up, I'll never stop".

YOUNG PEOPLE ON THE AFDB AGENDA

Last November, the African Development Bank (AfDB) launched a partnership with the European Investment Bank (EIB), named the Boost Africa initiative to foster the entrepreneurial potential of young Africans in creating innovative and attractive companies. The concept is that these companies are able to compete regionally and globally, attract direct domestic and foreign investments, create new jobs, and contribute to inclusive and sustainable economic growth. "Boost Africa will help the young population in Africa to get increased hope and confidence, so that they can succeed in accomplishing their dreams and aspirations", believes Akinwumi Adesina, president of AfDB.

The focus of the initiative will be on sectors where innovations can directly improve the quality of life of people, particularly the poorest households, by providing access to affordable products and services. "This is a concrete way of tackling the long-term factors that fuel poverty, instability and brain drain," said Werner Hoyer, president of EIB.

One of the cutting-edge differences is using the partnering network from both banks, which will be used for accelerating the growth and development of startup companies. There is joint initial investment of up to € 150 million and this initiative forecasts leveraging that up to € 1 billion in additional investments in an eight-year period. "The future of Africa will be determined by the young people nowadays and it is crucial we believe and sponsor entrepreneurship opportunities for young people to generate success stories, using them as examples for other young people", states Akinwumi Adesina. If African entrepreneurship had a soundtrack, it probably would be driven by the Rolling Stones song that says "If you start me up, I'll never stop".

AldairtonCarvalho Law Firm

Our Law Firm has always been committed to excellence in order to offer credibility, agility and high quality in terms of juridical services. We have experience and management capacity in several areas of Law practice, making it possible to assist our clients according to their demands.

Tax, International Trade and Investment, Litigation and Arbitration, Economic Sanctions and Foreign Investments, Private Clients, Corporate Governance, Mergers, Acquisitions and Joint Ventures, Public International Law, Real Estate, others.

Nosso escritório de advocacia sempre teve o compromisso com a excelência para oferecer credibilidade, agilidade e alta qualidade em matéria de serviços jurídicos. Temos experiência e capacidade de gestão em diversas áreas do Direito, tornando possível ajudar nossos clientes de acordo com suas necessidades.

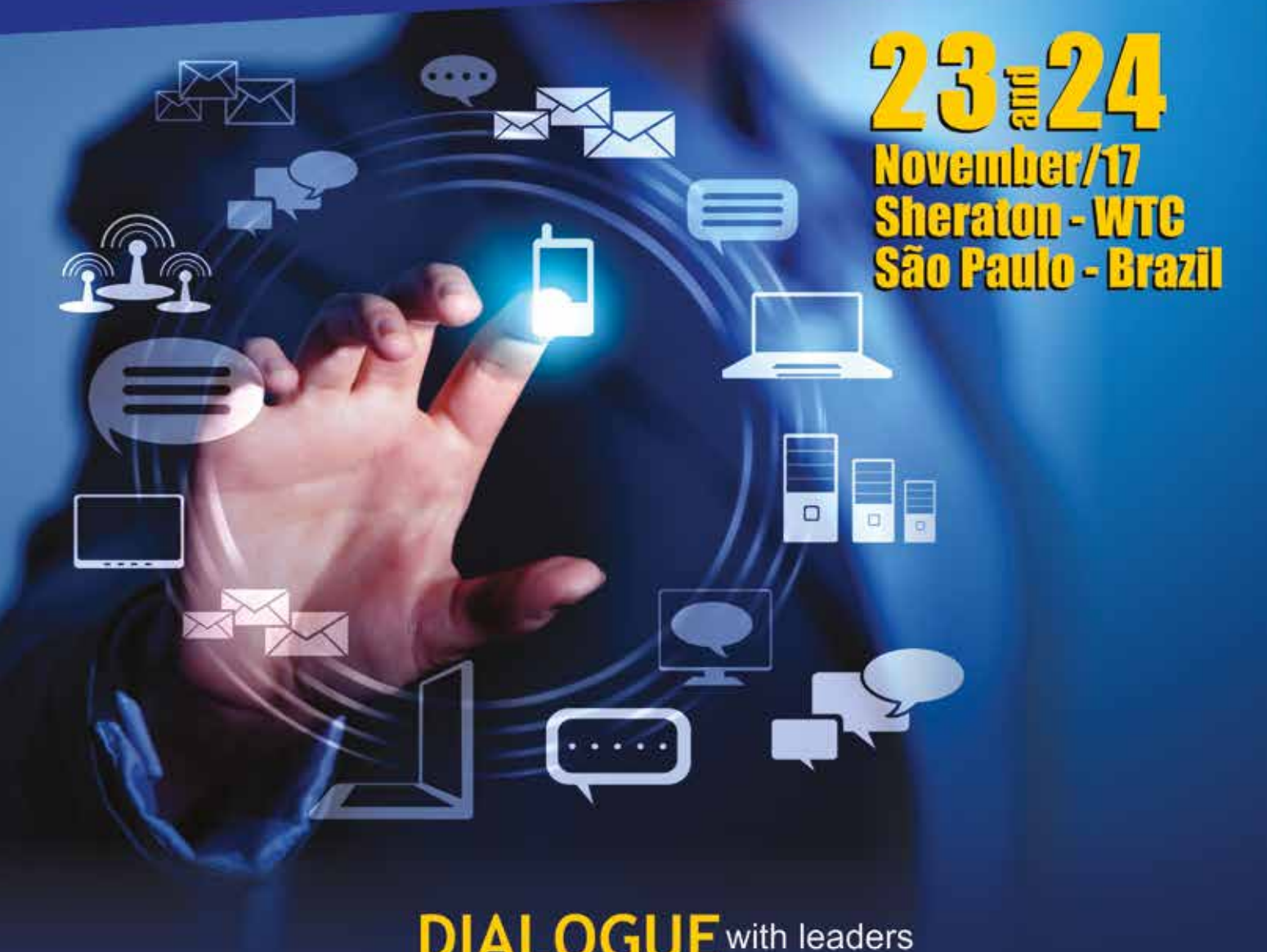
Fortaleza - CE | +55 (85) 3262.3497
Recife - PE | +55 (81) 3221.7854
Rio de Janeiro - RJ | +55 (21) 3037.7704
São Luís - MA | +55 (98) 3082.4555

ALDAIRTON CARVALHO
SOCIEDADE DE ADVOGADOS

www.**aldairtoncarvalho**.com.br

5th BRAZIL AFRICA FORUM

TRENDS IN INNOVATION AND TECHNOLOGY FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT



23 and 24
November/17
Sheraton - WTC
São Paulo - Brazil

DIALOGUE with leaders
EXCHANGE information and ideas
FIND good business opportunities

Brazil Africa Institute

www.forumbrazilafrica.com

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS: A ESPERANÇA BRASILEIRA DE RETOMADA NAS EXPORTAÇÕES

O Programa Mais Alimentos Internacional (PMAI) está sendo reestruturado na expectativa de que, ao lado de outras iniciativas privadas que devem ser adotadas, oferecer um novo fôlego ao setor de máquinas e equipamentos. "O ano de 2016 não foi um ano muito bom. O mercado ficou bem retraído, o câmbio não ajudou e o preço das commodities também não colaborou muito", lamenta Pedro Estevão Bastos, presidente da Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

Pedro Estevão estima que o continente africano seja responsável por 15% das exportações de máquinas e equipamentos agrícolas fabricados no Brasil. Ele lamenta o recuo do PMAI". "O programa é muito importante para o setor, mas o governo reduziu os recursos devido aos cortes de gastos. Então, nós tivemos que baixar os investimentos também", conta. "Temos trabalhado em Moçambique, Zimbábue, Gana, Senegal. E estamos tentando, agora, com Nigéria e Angola". Criado pelo governo brasileiro, o PMAI fornece apoio a projetos de desenvolvimento agrário e incremento da produção da agricultura familiar para os países participantes. No continente africano, participam Moçambique, Gana, Zimbábue, Senegal e Quênia. Como uma ação de apoio complementar à cooperação técnica, foi criada uma linha de crédito concessional para o financiamento de exportações brasileiras de maquinário e equipamento agrícola para pequenos produtores nos países participantes do programa.

DIVULGAÇÃO

MACHINES AND EQUIPMENT THE BRAZILIAN HOPE FOR RECOVERING EXPORTATIONS

The More Food International Program (PMAI) is being restructured and other private initiatives should inject some new energy to the sector. "2016 was not a good year. The market suffered a big recession, the exchange rate did not help and the price of commodities also did not contribute much to that", lamented Pedro Estevão Bastos, president of the Machinery Sectorial Chamber of the Brazilian Machinery and Equipment Association (Abimaq).

Pedro Estevão estimates that African continent is responsible for 15% of the exportation of agricultural machines and equipment manufactured in Brazil. He laments the PMAI slowdown. "This program is very important to the sector, but the government has reduced its resources due to cutting down on expenses. Thus, we had to also reduce investments", he says. "We have been working in Mozambique, Zimbabwe, Ghana, and Senegal. And now we are trying to expand to Nigeria and Angola". PMAI was created by the Brazilian government and it provides support to agrarian development projects and seeks to increase family farming production in participating countries. Mozambique, Ghana, Zimbabwe, Senegal, and Kenya participate on the African continent. A concessional line of credit was created as a complementary support initiative for the funding of agricultural machinery and equipment from Brazil for small producers in the participating countries of the program.

Com a recente mudança de governo no Brasil, o programa passa por um novo momento. "No final de 2016, uma missão técnica visitou todos os países parceiros na África e também a Nigéria, que já pediu ingresso no programa. Além disso, diversos outros países já solicitaram sua participação no programa e estão tendo seus pedidos avaliados", garante Guilherme Martinelli, assessor especial da Secretaria Especial da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Sead). "Nesse momento, o grupo técnico responsável pela gestão do programa está discutindo que trabalhos serão desenvolvidos neste ano. A expectativa é que nos próximos meses as exportações sejam retomadas".

O anúncio pode dar um gás para a indústria brasileira de máquinas e equipamentos com um todo, que faturou R$ 66,2 bilhões em 2016, recuo de 24,3% em comparação com 2015, a quarta queda anual seguida do setor, segundo dados da Abimaq. O PMAI é um dos principais motores para exportação de máquinas e equipamentos para a África. "É um programa sério, que tem todo o acompanhamento do governo brasileiro. Existe a checagem se esses tratores estão sendo bem utilizados, se as licitações estão sendo cumpridas. É um programa que ajudou bastante a agricultura", explica Edson Aires, diretor comercial da empresa brasileira Agrale. "Nos últimos três anos, mandamos quase 500 tratores para o Zimbábue. Mandamos também algumas pessoas para ensinar como operar as máquinas e tratores e, em contrapartida, trouxemos técnicos do governo do Zimbábue para o Brasil para que pudessem ser treinados. O país foi um modelo no programa. Esse mesmo tipo de trabalho queremos fazer nos outros países da África".

CONTINENTE ESTRATÉGICO

Programas como PMAI e o PROEX são essenciais para empresas como a brasileira Jacto. Com sede em São Paulo, a empresa atua na África desde a década de 1970, através de parcerias com companhias locais. Entre seus principais mercados estão a África do Sul, Quênia, Zâmbia e Etiópia. As máquinas da empresa mais procuradas pelos produtores africanos são as tratorizadas, especialmente os modelos que atendem pequenas e médias propriedades rurais. Em alguns mercados, sua participação neste tipo de equipamento chega a 42%.

Porém, o setor também viu nascer outros movimentos, como o programa Food For All, desenvolvido pelo Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grandes do Sul (SIMERS), que pretende aumentar o volume de exportações tentando inserir pequenas e médias indústrias. "No ano de 2016, mapeamos 23 mercados para serem trabalhados pelo projeto nos próximos 36 meses. Esses mercados estão localizados na América do Sul, Central, Caribe e África. Alguns desses mercados são extensivos, outros intensivos, outros de base pecuária, outros com foco no plantio, mas, praticamente todos deficientes em mecanização", observa Eduardo Teixeira, gestor do programa e consultor internacional do SIMERS. "São mercados distintos entre si e que necessitam ser entendidos de forma individual, sob pena de perda de tempo e dinheiro. Mesmo que não seja possível vender toda a linha de produtos para esses mercados, pode-se agregar alguns produtos em nichos de mercados específicos".

UMA PARCERIA DE FUTURO

O fato é que ninguém pretende tirar a África do radar. Pelo menos a médio prazo. Essa é a compreensão tanto do setor privado quanto do governo. "É preciso ter em mente que essa é a primeira fase do PMAI, o primeiro dessa magnitude realizado pelo Brasil. Mais de 60 mil máquinas e equipamentos já foram exportados e a expectativa é que esse número aumente ainda mais nos próximos anos", prevê Guilherme Martinelli, da Sead. "Estamos na Namíbia, Angola, Zimbábue, Etiópia, Gana, Uganda, Ruanda e Nigéria. Além disso, temos uma série de países que estão no nosso radar", adianta Edson Aires, da Agrale. "Também queremos crescer cada vez mais nos países onde já estamos presentes".

DIVULGAÇÃO

With the recent change in the government in Brazil, the program is going through a new phase. "At the end of 2016, a technical mission visited all the partnering African countries and also Nigeria, as it has already requested joining the program. Besides that, several other countries have already requested their participation in the program and their requests are being evaluated", assures Guilherme Martinelli, special advisor of the Brazilian Special Secretariat for Family Farming and Agrarian Development (Sead). "Right now, the technical group responsible for managing the program is discussing what projects will be put into effect this year. A recovery of exportations is expected in the coming months this year".

This announcement can impel Brazilian machinery and equipment industries as a whole as which earned which earned R$ 66.2 billion in 2016, a 24.3% recession compared to 2015, the fourth sequential annual drop in this sector, according to Abimaq data. PMAI is one of the main players for exporting machinery and equipment to Africa. "It is a serious program completely followed up by the Brazilian government. There are verification to check if these tractors are utilized effectively and if the government bidding processes are being complied with. This program has helped agriculture a great deal", explains Edson Aires, who is the commercial director of Agrale, a Brazilian company. "In the past three years, we have shipped 500 tractors to Zimbabwe. Also we have sent some people to teach them how to operate the machines and tractors and in turn, we have brought technicians from the government of Zimbabwe to Brazil for training. The country has been a model in this program. This is the same kind of work we wish to carry out in other African countries".

A STRATEGIC CONTINENT

The PMAI and PROEX Programs are essential for companies as the Brazilian Jacto Company. Headquartered in São Paulo, the company has been operating in Africa since the 1970s, partnering with local companies. South Africa, Kenya, Zambia, and Ethiopia are some of its main markets. The greatest demand for the company's machines is the ones operated by tractor, especially those meeting the needs of small and medium-sized rural properties. In some markets, its market share ranges up to 42%.

However, the sector has seen other created initiatives, such as the Food For All program, developed by the Union of Machinery Industries and Agricultural Implements of Rio Grande do Sul (SIMERS), intending to increase its exportation volume by trying to include small and medium-sized industries. "We have mapped 23 markets to be worked on in the next 36 months in 2016. These markets are located in South America, Central America, the Caribbean, and Africa. Some of these markets are extensive, others are intensive, others are based on livestock, and others are focused on crops, but, practically all of them are needy for mechanization", observed Eduardo Teixeira, manager of the SIMERS international consultant and program. "Each one of these markets are distinct and it is necessary to understand each one individually, if not, we will waste time and money. Even if it is not possible to sell the entire product line to these markets, it is possible to add some products to specific market niches".

A PARTNERSHIP FOR THE FUTURE

The fact is that nobody intends to take their focus off of Africa; at least in a medium term. This concept prevails in the private sector as well as in the government. "It is necessary to keep in mind, this is the first phase of PMAI, and the first time this magnitude has been put into effect in Brazil. Over 60 thousand machines and equipment have already been exported and that amount is expected to further increase in the coming years", predicts Guilherme Martinelli, from Sead. "We are active in Namibia, Angola, Zimbabwe, Ethiopia, Ghana, Uganda, Ruanda, and Nigeria. Besides that, there are a series of other countries in our radar", adds Edson Aires, from Agrale. "We also wish to continue growing in the countries where we are already present".

FALTA DE CRÉDITO, O GARGALO

Apesar do interesse dos empresários brasileiros em investir na África, o setor de máquinas e implementos agrícolas aponta alguns gargalos. Um deles é a falta de crédito. "O continente africano é um mercado em potencial, a gente tem exportado para vários países. Mas o continente tem muito problema de crédito. Nem todos os países têm dinheiro pra pagar o crédito. Outros países tem crédito bloqueado. Mas é um continente em potencial devido ao clima, às nossas variedades de plantio e às nossas máquinas adaptáveis", conta Pedro Estevão Bastos, da Abimaq.

INCENTIVO PARA EXPORTAÇÃO

Além do Programa Mais Alimentos Internacional (PMAI), as empresas brasileiras podem utilizar as linhas de crédito para exportação, como o Programa de Financiamento às Exportações (PROEX), criado em 1991 para garantir a competitividade das exportações brasileiras. Seu objetivo é promover financiamentos a exportações com "encargos compatíveis com os praticados no mercado internacional". As empresas com faturamento anual máximo de R$ 600 milhões estão entre o público-alvo do programa, que tem o Banco do Brasil como agente financeiro. Em 2016, o valor total das exportações apoiadas pelo programa atingiu US$ 5,8 bilhões, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. O setor de máquinas e equipamentos agrícolas e tratores foi o responsável por aproximadamente US$ 357 milhões de exportações amparadas pelo programa no ano passado, sendo que US$ 99,7 milhões destinaram-se a países do continente africano, tendo sido a África do Sul o principal destino.

HISTÓRICO DO PROGRAMA

O programa Mais Alimentos África é uma iniciativa do Governo brasileiro, decorrente do "Diálogo Brasil – África sobre Segurança Alimentar, Combate à Fome e Desenvolvimento Rural", evento realizado em Brasília entre os dias 10 e 12 de maio de 2010. Para atender às solicitações de apoio e cooperação técnica realizadas por países localizados fora do continente africano, no âmbito da Cooperação Sul-Sul, a Secretaria de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário propôs a expansão do Programa Mais Alimentos. Com o ingresso de Cuba e interesse de outros países latino-americanos, o Mais Alimentos África passou a ser denominado, a partir de janeiro de 2012, Mais Alimentos Internacional (PMAI). O objetivo do programa é estabelecer uma linha de cooperação técnica direcionada a apoiar a produtividade de pequenos agricultores e a produção de alimentos em países em desenvolvimento, de forma a promover a segurança alimentar e nutricional.

THE LACK OF CREDIT IS THE BOTTLENECK

Despite the interest in investing in Africa by Brazilian businessmen, there are some bottlenecks hindering the supply of agricultural machinery and implements. One of them is the lack of credit. "The African continent is a potential market; we have exported to various countries. But, the continent faces a big problem regarding credit. Not all countries can afford to pay for credit. And other countries have their credit blocked. But, there is great potential for this continent, due to the climate, the variety of crops, and our adaptable machinery", tells Pedro Estevão Bastos, from Abimaq.

INCENTIVE FOR EXPORTATION

Besides the More Food International Program (PMAI), Brazilian companies can utilize lines of credit for exportation, such as the Export Financing Program (PROEX), created in 1991 to guarantee the competiveness of Brazilian exportations. Its purpose is to promote funding for exportations through "compatible rates as those employed in the international market". Companies with a maximum of annual turnover of R$ 600 million are targeted for this program which has Bank of Brazil as funding agent.
In 2016, the total amount of exportations supported by the program reached US$ 5.8 billion, according to data from the Ministry of Industry, Foreign Trade, and Services. The agricultural machinery and equipment and tractor sector was responsible for about US$ 357 million in exportations borne by the program last year and USD$ 99.7 million was shipped to the African continent having South Africa was the main destination

PROGRAM HISTORY

The More Food Africa program is an initiative of the Brazilian Government that arose from the "The Brazilian Dialog – Africa on Food Security, Fighting Hunger, and Rural Development", an event that took place in Brasilia from May 10th to 12th in 2010. With the aim to respond to requests for support and technical cooperation by countries outside the African continent, in the South-South Cooperation scope, the Brazilian Special Secretariat for Family Farming and Agrarian Development proposed to expand the More Food Program. With the entry of Cuba and the interest from other Latin American countries, More Food Africa was renamed, as of January 2012, More Food International (PMAI). The purpose of the program is to set up a technical cooperative line focused on the productivity of small farmer and the production of foods in developing countries, in order to promote food and nutritional security.

Getting money to your people is hard.

We can make it easy.

The African continent is facing one of the most exciting eras in its history. It is ripe with opportunity and poised for growth. Sometimes, taking advantage of those opportunities isn't always easy. We help make things easier with our world-class payments technology so that getting money to your people is fast, easy and safe.

Paycode is an end-to-end payments solution. Using secure biometric smart card infrastructure, we simplify payments and enable insight into how money moves around. We designed our solution for Africa, so it works even in the most remote places. Places where there is no power or connectivity. We like to say it works "under the mango tree."

Paycode's technology is an ideal solution for governments, commercial banks, investors, donors, remittance providers and central banks that are looking for a low-cost, secure way to get money to their people. Paycode's technology enables national payments infrastructure, social grant distribution, donor and grant funding management, ghost worker elimination, international remittances, card payment infrastructure, e-money infrastructure, KYC registers and token management systems. Paycode technology fits in almost any industry including agriculture, medical, government, banking and education.

Contact us today for a live demonstration and see how our financial inclusion technology solutions are already working for 3 million people in Africa.

TELEPHONE: +27 11 446 1000
EMAIL: info@paycode.com
WEBSITE: www.paycode.com

PAYCODE

YOUR MONEY AT YOUR FINGERTIPS

ATLÂNTICO SUL, UMA ROTA DE SEGURANÇA EM DISCUSSÃO

THE SOUTH ATLANTIC, DISCUSSING A SAFE ROUTE

Situado entre a América do Sul e o continente africano, o Atlântico Sul tem uma importância vital para as relações e as comunicações entre os dois continentes. O oceano já foi rota marítima obrigatória rumo ao Índico e ao Pacífico. mas perdeu importância com a abertura dos canais de Suez, em 1869, e do Panamá, em 1914, que concentraram o fluxo do comércio marítimo ocidental no Mar Mediterrâneo e no Atlântico Norte. Contudo, essa situação pode estar chegando ao fim. "Pelo Atlântico Sul transita uma parcela substantiva do comércio internacional. Ali estão minerais estratégicos, áreas em disputa territorial. Há também o trânsito de cargas tóxicas e uma série de transições de grupos de crime organizado e pirataria", explica o professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UNB), Alcides Cunha.

Além disso, dois aspectos têm demandado mais esforços para a segurança da região do Atlântico Sul: o crescimento na produção petrolífera das reservas localizadas em bacias dos litorais da América do Sul e da África Ocidental, além do potencial do petróleo encontrado na camada pré-sal do litoral brasileiro. Para efeito comparativo, a produção diária de petróleo no mar da América do Sul, que era de 2,5 milhões de barris em 2005, deve saltar para 6,1 milhões de barris até 2030, um crescimento de 144%. Neste mesmo período, a produção no litoral da África pode passar de 4,9 (milhões) a 12,4 milhões de barris por dia, um crescimento de 153%.

The South Atlantic region is located between South America and the African continent and it is vitally important for relations and communications between the two continents. This ocean had already been the mandatory maritime route to the Indian and the Pacific, but it became less important due to the opening of the Suez canal, in 1869, and the Panama canal in 1914, as they concentrated the flow of Western maritime trade on the Mediterranean Sea and the North Atlantic. However, this situation may be coming to an end. "A substantial portion of international trade crosses the South Atlantic Ocean. There are strategic ore minerals and regions of territorial dispute. There is also the crossing of toxic cargos and a series of illegal transactions led by organised criminal groups and piracy", explains Alcides Cunha, Professor of International Relations at the University of Brasília (UNB).

Besides that, there are two aspects requiring increased efforts for the security in the South Atlantic Ocean region: the increase in oil production from the reserves located in the South American and Western African seacoast basins, as well as the potential for extracting found in the pre-salt layer along the Brazilian seacoast. For a comparative purpose, the daily production of oil from the South American sea was 2.5 million barrels in 2005, and it should show a notable increase to 6.1 million by 2030, a growth rate of 144%. In that same period, the African seacoast production could increase from 4.9 million to 12.4 million barrels per day, an increase of 153%.

JOSHUA DAVIES / U.S. NAVY

GOLFO DA GUINÉ: UMA ÁREA SENSÍVEL

Região estratégica na geopolítica internacional, tanto do ponto de vista do desenvolvimento sustentável quanto particularmente relacionado apenas ao aspecto econômico, o Golfo da Guiné possui hoje 8% dos recursos de petróleo do mundo, bem como atividades pesqueiras e tráfego marítimo significativo. "Europa, Estados Unidos e os países da região do Atlântico Sul na costa africana têm se unido no combate à pirataria, numa tentativa de se assegurar a normalidade da situação marítima estratégica naquela região", diz Pedro Esteves, analista da consultoria Africa Monitor. "Isso também evita alguma tentativa de se conter fluxos de imigração ilegal que trafegam pela costa ocidental africana".

A ONU tem incentivado parcerias bilaterais e multilaterais para melhorar a capacidade antipirataria dos Estados e das organizações regionais em termos de pessoal, financiamento, tecnologia, formação e equipamento. Há um declínio constante no número de incidentes e atividades ilegais registradas ao longo dos últimos anos, mas a insegurança permanece como uma fonte de preocupação. Os países, com razão, têm pedido mais apoio internacional nos esforços regionais.

Segundo a organização, a pirataria e os assaltos à mão armada já não estavam mais limitadas ao setor de petróleo, se ramificando no tráfico de pessoas, drogas, armas e medicamentos, bem como na pesca ilegal. Situação que amplia os desafios para os países da região e os força a lidar com a questão dos direitos humanos. A solução apontada é promover paz e a estabilidade regional, fortalecer as instituições do Estado, desenvolver a economia dos países e respeitar os direitos humanos.

"Trabalhar juntos e tomar ações coletivas e afirmativas são as únicas maneiras pelas quais seremos capazes de proteger melhor os valiosos bens que são nossos mares, nossos oceanos e seus recursos", discursou o presidente do Togo, Faure Gnassingbé, durante a Cúpula de Lomé, evento organizado pela União Africana (e que) reuniu, em outubro de 2016, 17 presidentes africanos e o vice-presidente da Nigéria para discutir a problemática.

Durante o evento, foi lançado ainda o projeto GoGIN, co-financiado pela União Europeia e pela Dinamarca (que irão contribuir com 7,5 milhões de euros e 1,8 milhões de euros, respectivamente), cujo objetivo é criar uma rede de compartilhamento de informações entre os mecanismos nacionais de segurança marítima e as plataformas de coordenação regional criadas nos países de origem. "A luta contra a criminalidade marítima e a promoção da segurança marítima (são) é um verdadeiro desafio que a África e a União Europeia devem enfrentar de mãos dadas", afirma o comissário Europeu para o Ambiente, Assuntos Marítimos e Pescas, Karmenu Vella. "O custo da pirataria no Golfo da Guiné em 2014 é estimado em aproximadamente US$ 1 bilhão. Na verdade, o custo global da insegurança marítima é muito maior, especialmente em termos de postos de trabalho perdidos na União Europeia, e ainda mais na África", conclui.

U.S. NAVY

THE GULF OF GUINEA: A SENSITIVE REGION

With the control of 8% of the petroleum resources in the world, as well as fishing activities and significant ocean traffic, the Gulf of Guinea is a strategic region for international geopolitics, from the sustainable development point of view, as well as economic aspects. "Europe, the United States, and countries in the South Atlantic region along the African coast that have joined in the fighting against piracy, in an attempt to assure normality of the strategic maritime situation in that region" states Pedro Esteves, who is an analyst for Africa Monitor consultancy. "This also helps to avoid some attempts for constraining the flow of illegal immigration crossing from the western African coastline".

The United Nations (UN) has encouraged bilateral and multilateral partnerships to improve the antipiracy capacity of the Governments and regional organizations regarding personnel, funding, technology, professional training, and equipment. Thus, there has been a constant decrease in the number of incidents and illegal activities registered throughout the past years, but insecurity remains as a source of concern. These countries, justifiably, have requested more international support in their regional efforts. According to the UN, piracy and these armed attacks are not only limited to the oil sector, as they have diversified to human, drug, weapons, and medication trafficking, as well as illegal fishing. This situation increases the challenges of the countries in that region and forces them to deal with the issue of human rights. The solution is focused on promoting peace and reestablishing regional stability, strengthening Governmental institutions, further develop the economy of the countries, and respect for human rights.

"Working together and implementing joint and affirmative initiatives are the only way we will be capable of providing better protection for the valuable assets from our seas, our oceans and their resources", stated the president of Togo, Faure Gnassingbé, during the Lomé Summit, organized by the African Union in October/2016 reunited 17 African presidents and the vice-president of Nigeria to discuss the problems.

The GoGIN project was even launched during the event, co-funded by the European Union and Denmark (and they will contribute 7.5 million Euros and 1.8 million Euros respectively), as the objective is to create a network for sharing information among maritime security and regional coordination platforms created in source countries. "The fight against maritime criminality and promoting maritime security is a true challenge that Africa and the European Union must face jointly", confirms Karmenu Vella,European Commissioner for the Environment, Maritime Affairs and Fisheries. "The cost of piracy in the Gulf of Guinea in 2014 is estimated at around US$ 1 billion. But, in fact, the overall cost of maritime insecurity is much higher, especially related to jobs lost in the European Union, and even more so in Africa", he concludes.

O LADO SUL-AMERICANO

Diariamente, cerca de 1.600 navios, entre embarcações comerciais e de pesca, são controlados pela Marinha do Brasil, a maior da América do Sul e da América Latina, além de ser a segunda maior de toda a América, atrás apenas dos Estados Unidos. O Brasil também integra, junto com Uruguai, Paraguai e Argentina, a Área Marítima do Atlântico Sul (AMAS). "A existência da AMAS contribui para o fortalecimento de estratégias regionais voltadas para a segurança do tráfego marítimo", explica o Contra-Almirante Flávio Augusto Viana Rocha.

Além da integração sul-americana, o País mantém acordos de cooperação bilateral em defesa com diversos países africanos, especialmente sul-atlânticos ou de língua portuguesa. "As relações na área de defesa do Brasil com vários países da África vêm se intensificando na última década, especialmente nas áreas de capacitação e treinamento de pessoal militar", conta Christiano Sávio Barros Figueirôa, Conselheiro Chefe da Divisão de Paz e Segurança Internacional do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. "Também há iniciativas de fornecimento de material de defesa, com transferência de tecnologia. O Brasil tem priorizado as parcerias com países da costa ocidental, especialmente na área de capacitação marítima relacionadas ao monitoramento e exploração de recursos no Atlântico Sul", acrescenta ele.

De acordo ainda com o Ministério das Relações Exteriores, o Brasil já assinou Acordos de Cooperação em Matéria de Defesa com dez países africanos e outros estão em negociação. A cooperação é ainda mais ampla, envolvendo diferentes tipos de programa e intercâmbio, como, por exemplo, a assistência oferecida no desenvolvimento da Marinha da Namíbia. A história foi contada na edição de número 05 de ATLANTICO.

U.S. NAVY

UM NÚMERO 34 NAVIOS BRASILEIROS FORAM TORPEDEADOS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

POR UMA POLÍTICA DE SEGURANÇA INTEGRADA

"É necessário um amplo diálogo político e uma discussão acerca de um mecanismo de cooperação de caráter multilateral. Boa parte desses esforços hoje diz respeito a bilaterais ou estão muito segmentadas. A segurança no Atlantico precisa de uma responsabilidade maior de caráter multilateral", propõe Alcides Cunha, da UnB.

"A região nunca foi prioridade nem durante o embate entre EUA e URSS, em meio à, chamada, Guerra Fria. Durante esse período, o principal papel do Brasil na bipolaridade era atuar, se necessário, junto com os norte-americanos na defesa do Atlântico Sul, que não era área prioritária para as grandes potências", afirma o Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Sérgio Luiz Cruz Aguilar. "No entanto, a volatilidade em termos de segurança que o mundo vive, a instabilidade em partes do globo pode aumentar a importância do Atlântico Sul como rota".

UM HISTÓRICO DE TRANQUILIDADE

Apesar do clima de insegurança no Golfo da Guiné, o Atlântico Sul permaneceu como o mais pacífico dos oceanos durante a segunda metade do Século XX. A História registra algumas ações isoladas de superfície, nas 1ª e 2ª guerras mundiais, e da campanha submarina do Eixo durante a 2ª Guerra Mundial. O Atlântico Sul voltou a ganhar certa importância na época dos "super-petroleiros", durante os anos 1970, em função da primeira crise do petróleo e de uma interrupção temporária do tráfego de navios pelo Canal de Suez. Entre abril e junho de 1982, tornou-se cenário de um conflito armado entre Argentina e Reino Unido, pela posse das Ilhas Malvinas (Falklands).

THE SOUTH AMERICAN SIDE

About 1,600 vessels sail daily, including commercial and fishing vessels, and they are commanded by the Brazilian Navy, the largest in South America and Latin America, as well as the second largest in all parts of America, just behind the United States Navy. Brazil also integrates its forces with Uruguay, Paraguay, and Argentina, as the South Atlantic Marine Region (AMAS). "The presence of the AMAS contributes to the strengthening of regional strategies focused on the security of maritime traffic", explains Rear-Admiral Flávio Augusto Viana Rocha.

Besides the South American integration, the country maintains bilateral defense cooperation agreements with various African countries, especially in the South Atlantic or Portuguese speaking countries. "

The relations between Brazil and several African countries in the area of defense have been intensifying in the last decade, especially in the areas of training of military personnel, "says Christiano Sávio Barros Figueirôa, Chief Advisor of the Peace and Security Division from the Ministry of Foreign Affairs of Brazil. "There are also initiatives to supply defense material, including technology transfer. Brazil has prioritized partnerships with countries on the western coast of Africa, especially in the field of maritime training related to monitoring and exploration of the South Atlantic resources", he adds.

According to Itamaraty, Brazil has already signed Cooperation Agreements on the Subject of Defense with ten African countries and others are in the process of negotiation. This cooperation is even broader based, involving different types of programs and exchange initiatives, such as, the support offered to develop the Navy of Namibia. This story has already been published in the 5th issue of ATLANTICO magazine. "

ONE NUMBER

34

BRAZILIAN SHIPS WERE TORPEDOED DURING WORLD WAR II

U.S. NAVY

AN INTEGRATED SECURITY POLICY

"A broad-based political dialog is necessary to achieve this and a discussion on a cooperation mechanism of a multilateral nature. Most of these efforts nowadays are related to bilateral or they are extremely segmented. Security in the Atlantic needs greater multilateral accountability", proposes Alcides Cunha, of UnB. "The region has never been a priority, neither during the clash between the USA and the USSR, in the so-called, Cold War. During this period, Brazil's main role in this bipolarity was to act, if necessary, together with the Americans in the defense of the South Atlantic, which was not a priority area for the great powers.", states the Coordinator of the Research and Study Group on International Conflicts at São Paulo State University (Unesp), Sérgio Luiz Cruz Aguilar. "Although, volatility in terms of security in the world exists, thereby instability in parts of the world can increase the importance of the role of the South Atlantic as a route".

A HISTORY OF TRANQUILITY

`Despite the climate of insecurity in the Gulf of Guinea, the South Atlantic has remained as the most peaceful among the oceans during the second half of the XX Century. History recorded some isolated surface actions, during the First and Second World Wars, and the Axis submarine campaign in the World War II. The South Atlantic regained some importance in the era of "super tankers" vessels, during the 1970s, due to the first oil crisis and a temporary interruption of vessel traffic through the Suez Canal. Between April and June 1982, it became the scene of an armed conflict between Argentina and the United Kingdom, due to the possession of the Falklands.

LINHA DO TEMPO

1947
Foi assinado pelos governos dos países das Américas o Tratado Internacional de Assistência Recíproca (TIAR), no âmbito da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente, realizado no Rio de Janeiro.

1967
Foi estabelecida a Área Marítima do Atlântico Sul (AMAS) como instrumento de coordenação, treinamento e controle naval do tráfego marítimo. A AMAS compreende o litoral marítimo do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina e tem um Coordenador (CAMAS), função exercida em rodízio por esses quatro países.

1986
Criada a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS), foro de colaboração e integração regional e os membros passaram a realizar reuniões periódicas para discussões de problemas comuns. É integrada por 24 países banhados pelo Atlântico Sul: África do Sul, Angola, Argentina, Benin, Brasil, Cabo Verde, Cameroun, Congo, Côte d'Ivoire, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Libéria, Namíbia, Nigéria, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Togo e Uruguai.

2013
Criação do Grupo G7 dos Amigos do Golfo da Guiné (G7++FoGG), que visa a cooperação para assegurar a estabilidade, a segurança marítima e a liberdade de navegação na região. O grupo é composto por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Itália, Japão, Reino Unido, França, Bélgica, Brasil (observador), Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Noruega, Países Baixos, Portugal, Suíça, União Europeia, escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime e Interpol

TIMELINE

1947
The Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance was signed by the American countries on the scope of the Conference for the Maintenance of Continental Peace and Security, held in Rio de Janeiro.

1967
The South Atlantic Marine Area (AMAS) was established as a tool for coordinating, training, and controlling maritime traffic. AMAS includes the marine coast in Brazil, Uruguay, Paraguay, and Argentina and there is a Coordinator (CAMAS), a position performed in rotation by these four countries.

1986
The South Atlantic Peace and Cooperation Zone (ZOPACAS) was created, as a regional cooperation and integration forum and the members hold periodic meetings for discussing common problems. There are 24 members from countries along the South Atlantic seacoast: South Africa, Angola, Argentina, Benin, Brazil, Cape Verde, Cameroun, Congo, Ivory Coast, Gabon, Gambia, Ghana, Guinea, Guinea-Bissau, Equatorial Guinea, Liberia, Namibia, Nigeria, Democratic Republic of Congo, Sao Tome and Principe, Senegal, Sierra Leone, Togo and Uruguay.

2013
The G7 Friends of the Gulf of Guinea Group (G7++FoGG) was created for a cooperation effort to assure stability, marine security, and freedom of navigation in the region. The group is made up by Germany, Canada, the United States, Italy, Japan, the United Kingdom, France, Belgium, Brazil (observer),South Korea, Denmark, Spain, Norway, the Netherlands, Portugal, Switzerland, the European Union, the United Nations Office on Drugs and Crime, and Interpol

INTERCÂMBIO PARA PROTEÇÃO DO GOLFO DA GUINÉ

No último mês de março, a Marinha do Brasil enviou para a região o Navio-Patrulha Oceânico Apa, com 122 militares. Além dos brasileiros, participaram também militares europeus, norte-americanos e sul-americanos. A ação foi conduzida pela Marinha dos Estados Unidos, para capacitar militares dos países da costa oeste da África na atuação em ações de interdição marítima. O treinamento militar abrangeu o litoral da Angola, Congo e República Democrática do Congo.

EXCHANGE FOR PROTECTION OF THE GULF OF GUINEA

Last March, the Brazilian Navy sent "Apa" an Oceanic Patrol Ship to the region with a military crew of 122. Besides the Brazilians, there were also European, American, and South American crew members. The initiative was led by the United States Navy for train military personnel of the west coast of Africa in marine interdiction actions. The training included the seacoast of Angola, Congo, and the Democratic Republic of Congo.

JOSÉ VIEGAS

“Estamos numa situação de fragilidade potencial”

“We are in a situation of potential fragility”

O diplomata brasileiro José Viegas Filho é um estudioso da problemática da segurança no Atlântico Sul. Texto de sua autoria, escrito no distante ano de 1982, é a base de livro publicado em 2016 sob o título de “A Segurança do Atlântico Sul e as relações com a África”. Na época, ele defendeu a criação de um tratado de cooperação entre países sul-americanos e africanos como estratégia de defesa da região. À equipe de ATLANTICO, o diplomata, que já foi ministro da Defesa do Brasil, discute o que mudou nestes últimos 35 anos e fala sobre os desafios para o futuro.

Brazilian diplomat José Viegas Filho studies the security issue in the South Atlantic.He is the author of a text written in the distant year 1982,which is the basis of the book published in 2016 under the title “South Atlantic Security and the Relations with Africa ”. At the time,he defended the creation of a treaty of cooperation between South American and African countries as defense strategy of the region.To ATLANTICO,the diplomat,who was once Brazilian Defense Minister discusses what has changed in the last 35 years and talks about the challenges for the future.

JOSÉ PAULO LACERDA / CNI.

ATLANTICO - A geopolítica internacional muda e por isso temos novas realidades, como a descoberta do Pré-Sal aqui na América do Sul...
José Viegas - Essa é uma necessidade real. Nenhum país vai atacar o Brasil. Nós não corremos esse risco. Mas, corremos riscos de sabotagem e de atos terroristas. Embora essa possibilidade seja reduzida, ela é real, inclusive na medida em que nós não teríamos como nos defender.

ATLANTICO - International geopolitics change and we have new realities,such as the discovery of Pre-salt here in South America ...
José Viegas - This is a real need.No country is going to attack Brazil.We do not take that risk.But we have the risks of sabotage and terrorist acts. Although this possibility is reduced,it is real, because we would not be able to defend ourselves.

ATLANTICO - Lá atrás o senhor defendeu uma política de integração entre brasileiros e africanos. Quais são hoje os desafios para o futuro?
José Viegas - A ideia era criar mecanismos de segurança próprios dos países da nossa região para que ninguém pudesse dizer que ela estivesse à mercê da União Soviética ou dos Estados Unidos. Esse plano não foi desenvolvido nem pelo Brasil nem pelos países africanos. Ou seja: estamos numa situação de fragilidade potencial.

ATLANTICO - Back then,you defended a policy of integration between Brazilians and Africans. What are the challenges for the future today?
José Viegas - The idea was to create security mechanisms of the countries of our region,so no one would have to say that they were at the mercy of the Soviet Union or the United States.This plan was neither developed by Brazil or the African countries.In other words,we are in a situation of potential fragility.

ATLANTICO - Então o senhor ainda defende uma política de integração?
José Viegas - Sem dúvida. Menos por razões exclusivamente militares e mais por razões de segurança no sentido mais amplo da palavra. A Marinha é uma força que precisa muito se mostrar. “Show the flag”: isso é uma coisa importante. Se fazendo presente ela já dá segurança e o Brasil precisa, com urgência, ter uma força de fragatas, que são navios mais leves e rápidos, que podem dar segurança à nossa Amazônia Azul.

ATLANTICO: So,you’re still advocating an integration policy?
José Viegas - Without a doubt.Less for purely military reasons and more for security reasons in the broadest sense of the word.The Navy is a force that needs to be shown. “Show the flag”: this is an important thing. Its presency, gives security and Brazil urgently needs to have a force of frigates,which are lighter and faster ships,that can give security to our Blue Amazon.

ALESSANDRO POTTER

JOÃO PESSOA: O PONTO MAIS ORIENTAL DAS AMÉRICAS

JOÃO PESSOA: THE MOST EASTERN PLACE IN THE AMERICAS

A "Cidade Real de Nossa Senhora das Neves", fundada em 1585, recebeu esse nome de seus colonizadores portugueses nas margens do rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba. Foi somente em 1930 que recebeu o nome de João Pessoa, uma homenagem ao político paraibano João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, assassinado naquele mesmo ano em Recife.

Com o clima tropical úmido, conta com um litoral de cerca de 24 quilômetros de extensão, nove praias e doze rios. Na culinária, muito semelhante à de várias outras cidades do Nordeste brasileiro, inclui frutos do mar, carne do sol e macaxeira. Um prato bastante típico é o rubacão, uma espécie de baião-de-dois feito com arroz-vermelho.

Devido ao fato de estar localizada em Ponta do Seixas, ponto mais oriental das Américas, a cidade ficou conhecida como "Porta do Sol", o primeiro lugar onde o sol nasce no continente. Por isso, uma das suas principais atrações é aproveitar o litoral e contemplar o belíssimo pôr do sol. A Estação Cabo Branco, ponto turístico construído pelo arquiteto Oscar Niemeyer, é ideal para contemplar a beleza das praias e curtir o fim de tarde, além de encontrar mostras culturais e exposições. Localizado no centro da cidade, outro ponto turístico é o Centro Cultural de São Francisco, um dos mais importantes complexos barrocos do Brasil que demorou 190 anos para ser construído. Lá se encontra a Igreja de São Francisco, o Convento de Santo Antônio e o Museu de Arte Sacra.

Por ter duas grandes reservas de Mata Atlântica - que funcionam como verdadeiros pulmões, aliviando assim o avanço da poluição - a cidade recebeu em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, o título de "segunda capital mais verde do mundo"; com mais de 7 m^2 de floresta por habitante, perdendo somente para Paris, França. Misto de zoológico e reserva florestal, o Parque Arruda Câmara, popularmente conhecida como "bica", possui fauna e flora do Brasil, somados a animais de outros continentes.

The "Cidade Real de Nossa Senhora das Neves" (Royal City of Our Lady of Neves), founded in 1585, was named by its Portuguese colonizers on the banks of the Sanhauá River, a tributary of the Paraiba River. Then, it was only in 1930 when the name changed to João Pessoa, in tribute to the politician from Paraiba named João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque who was assassinated that same year in Recife.

There is a humid tropical climate and with a 24 kilometer lengthwise the seacoast, including nine beaches and a dozen rivers. Its cuisine is very like several other cities in the Northeast of Brazil, including seafood, beef jerky, and cassava. "Rubação" is a typical dish, made from red rice, green beans, beef jerky, fresh milk cream, and other varied spices.

As the city is located at "Ponta do Seixas" (Seixas Point), the most eastern place in the Americas, it became known as "Porta do Sol" (Gate of the Sun), as it is the first place where the sun rises in the continent. And for this reason, appreciation of the seacoast and the beautiful sunset is one of the main attractions. The "Estação Cabo Branco" (White Cape Station),a tourist landmark built by architect Oscar Niemeyer, it is ideal for appreciating the beauty of the beaches and enjoying the late afternoon, as well as visiting cultural exhibits and expositions. The "Centro Cultural de São Francisco" (São Francisco Cultural Center), another tourist attraction, is located downtown and it is one of the most important Baroque complexes in Brazil that took 190 years to be built. The "Igreja de São Francisco" (São Francisco Church), the "Convento de Santo Antônio" (Saint Antony Convent), and the "Museu de Arte Sacra" (Sacred Art Museum) are located there.

There are two large Atlantic Forest reserves here – serving as true lungs for the planet, thus relieving the spread of pollution – the city was assigned the name as the "second greenest capital city in the world" in 1992, during the United Nations Conference on Environment and Development; as there is over 7 m^2 of forest for each inhabitant, just behind Paris, France. The "Parque Arruda Câmara" (Arruda Camara Park) is a zoological and forest reserve, popularly known as "bica", exhibiting Brazilian fauna and flora, plus animals from other continents.

DAVID TANSEY

KINSHASA, BELA, GRANDE E CHEIA DE CONTRASTES
KINSHASA: BEAUTIFUL, LARGE, AND FULL OF CONTRASTS

Às margens do rio Congo, o segundo maior do continente em extensão — perdendo apenas para o Nilo — e maior em volume de água, existe uma cidade musical e cheia de contrastes. Capital e maior cidade da República Democrática do Congo, Kinshasa é formada por uma grande aglomeração urbana com cerca de 10 milhões de habitantes. É a terceira maior cidade da África - atrás somente do Cairo (Egito) e Lagos (Nigéria) - e também a mais populosa cidade francófona do mundo, com quase cinco vezes a população de Paris, apesar de quase metade dos seus moradores (44,5%) falar o idioma Lingala.

Em 1881, quando o explorador britânico Henry Stanley chegou lá, o lugar não passava de um pequeno sítio pesqueiro. Ganhou o nome de Léopoldville em homenagem ao rei Leopoldo II, da Bélgica, financiador da expedição. Depois, tornou-se capital da então colônia do Congo Belga e só passou a chamar-se Kinshasa em 1966. Um dos legados da ocupação belga é a maionese, presente na maioria dos pratos da culinária local, tanto na versão tradicional, como na versão apimentada, a Piri-piri. Entre as iguarias recomendadas estão os camarões de água doce do rio Congo, chamados de Cossa Cossa nos menus.

Cheia de contrastes, Kinshasa dispõe de grandes áreas comerciais, com restaurantes sofisticados, apartamentos de luxo e três universidades, que coexistem lado a lado com complexos de favelas. Em meio ao trânsito caótico e ruas pobres, é possível ver o colorido encantador das vestes dos sapeurs, homens impecavelmente elegantes. A influência visual deles veio dos antigos grandes astros da música. Falando nisso, é lá o berço da rumba congolesa, do soukous e do ndombolo, estilos musicais com danças peculiares. A romântica "Marie Louise", de Wendo Kolosoy, é a canção-símbolo da musicalidade do País.

Uma volta de barco pelo Rio Congo é um passeio fortemente recomendado. Procurar por obras de arte nos inúmeros ateliês também. Depois de décadas de conflitos armados, Kinshasa se esforça para modernizar sua infraestrutura e oferecer melhores condições para seus moradores e visitantes. Ecológica, colorida, alegre, dinâmica. A capital da República Democrática do Congo faz jus ao apelido que recebeu ao longo dos anos. Kin, a bela.

Located along the banks of the Congo River, the second longest river on the continent — just behind the Nile River — and it is the largest in water volume, Kinshasa is a musical city and full of contrasts. It is the capital and the largest city in the Democratic Republic of Congo. Kinshasa is composed of a large urban agglomeration with about 10 million inhabitants. It is the third largest city in Africa – just below Cairo (Egypt) and Lagos (Nigeria) – and it is also the most populous Francophone city in the world, almost five times the population of Paris, although almost half of its residents speak the Lingala language (44.5%).

In 1881, when Henry Stanley,an British explorer arrived there, the place was but a small fishing place. It was named Léopoldville in honor to King Leopoldo II, of Belgium, who sponsored the expedition. Afterwards, it became then the capital of the Belgian Congo colony and it was named Kinshasa in 1966. One of the legacies from Belgium occupation is mayonnaise, present in most of the local culinary dishes, in the traditional version, as well as in the spicy version, named Piri-piri. Freshwater shrimp from the Congo River are among the recommended delicacies, named Cossa Cossa in the menus.

Kinshasa is full of contrasts, including large commercial areas, with sophisticated restaurants, luxury apartment buildings, and three universities, coexisting side by side with complexes of favelas, Amid chaotic traffic and poor streets, it is possible to see the colorful enchanting garments of "sapeurs", impeccably elegant men. The visual influence came from great vintage musical stars. By the way, Kinshasa is where the Congolese rumba, "soukous", and "ndombolo" were born, musical styles featuring peculiar dances. The romantic song "Marie Louise", by Wendo Kolosoy, is the musicality symbol of the Country.

A boat ride along the Congo River is strongly recommended. You can also search for works of art in countless artist ateliers. After decades of armed conflicts, Kinshasa is trying to modernize its infrastructure and offer improved living conditions for its residents and visitors. It is ecologic, colorful, joyful, and dynamic. The capital city of the Democratic Republic of Congo truly deserves its nickname, "Kin, the beautiful".

TURISMO EM RITMO DE AVENTURA

Com o slogan "um uau a cada instante" ("a wow in every moment", na versão em inglês), o governo sul africano iniciou uma campanha para captar novos turistas. A onomatopéia "uau" não foi pensada por acaso. A ideia é chamar atenção para os esportes radicais. "O turismo de aventura é o principal atrativo para quem quer ir à África do Sul. São mais de 700 esportes no país", destaca Diogo Caldeiras, da filial brasileira do South African Tourism (SAT), escritório responsável por divulgar o destino.

A África do Sul lidera o mercado turístico africano, uma indústria que movimenta 44 bilhões de dólares por ano, de acordo com um relatório sobre o potencial turístico do continente publicado em 2015 pelo Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB), Universidade de Nova York e Africa Travel Association (ATA). Apesar da instabilidade política e da falta de desenvolvimento da infraestrutura, como fornecimento intermitente de eletricidade que torna a estadia incômoda para os turistas, todo o continente africano tem potencial para desenvolver o turismo de aventura.

Tsitsikamma National Park (South Africa)

TOURISM IN A RHYTHM OF ADVENTURE

Like the slogan "a wow at every moment" (the "wow in every moment"), the South African government has begun a campaign to attract new tourists. The onomatopoeia "wow" was not thought by chance. The idea is to draw attention to extreme sports. "Adventure tourism is the main attraction for those who want to go to South Africa. There are more than 700 sports in the country," says Diogo Caldeiras, the Brazilian branch of South African Tourism (SAT), the office responsible for publicizing the destination.

South Africa leads the African tourism market, a $ 44 billion industry annually, according to a report on the continent's tourism potential published in 2015 by the African Development Bank (ADB), the University of New York and Africa Travel Association (ATA) Despite political instability and lack of infrastructure development, such as intermittent supply of electricity that makes the stay uncomfortable for tourists, the whole African continent has the potential to develop adventure tourism.

FOTOS SOUTH AFRICAN TOURISM

O PREÇO DA AVENTURA

"A conta é simples: quanto menos infraestrutura um destino tiver, mais cara é a aventura. Mas, acredite, existe mercado para experiências únicas", aposta o fotógrafo brasileiro Haroldo Castro, que organiza safáris fotográficos com pessoas que se interessam por lugares inóspitos do continente africano. São formados grupos entre cinco a dez aventureiros dispostos a pagar entre 4 a 100 mil dólares dependendo do tipo de viagem, que pode durar até duas semanas. "O custo dos hotéis com segurança e qualidade acaba sendo caro", explica Haroldo. Mas ele garante que a infraestrutura em geral vem melhorando. "A cada ano tem hotéis novos. As pessoas estão sendo cada vez mais treinadas. Eu diria que está tendo um crescimento de quantidade e de qualidade. Isso vai acontecendo à medida que os países vão se desenvolvendo".

Um outro fator importante para reduzir o valor da conta final é o custo com a logística. Países com mais linhas áreas disponíveis naturalmente possuem opções mais econômicas de pacotes turísticos. A África do Sul, por exemplo, recebeu 40 mil brasileiros em 2016, um número 40% maior que o registrado em 2015. "Com o lançamento do voo da Latam para Joanesburgo, a procura pelo país cresceu muito. Primeiro porque os brasileiros se identificam com a companhia, e depois porque as passagens ficaram muito baratas. O destino tem um custo muito atrativo, o que faltava era um meio de chegar até ele com tarifas mais baratas", conta Tatiana Isler, da SAT.

AVENTURAS QUE NÃO TÊM PREÇO

Alheios às infraestruturas oferecidas pelos diversos países africanos, alguns aventureiros resolvem definir como metas enfrentar alguns dos desafios radicais existentes África afora. Os motivos são os mais variados possíveis: bater recordes, superar adversários ou uma simples realização pessoal. É o caso do montanhista brasileiro Rosier Alexandre, que começou a escalar montanhas geladas em 2004 e há poucos meses finalizou um projeto pessoal chamado Sete Cumes, que consistiu em escalar a maior montanha de cada continente.

De passagem pela Tanzânia em 2011, quando foi escalar o Monte Kilimanjaro, Rosier se surpreendeu com a estrutura do país para receber turistas. "Além dos atrativos turísticos, os hotéis são bastante confortáveis. Era bastante comum você encontrar guias bilíngues e alguns que falavam até três idiomas, dando informação com bastante qualidade", lembra.

Já para a kitesurfista Carla Lima, cada visita ao continente africano é uma experiência única. "Sem nenhuma sombra de dúvida, é o meu continente preferido. Eu me transformo como ser humano e volto muito melhor para o Brasil", comenta. "A África sempre me surpreende pela pureza das crianças, pela receptividade do povo local, pelas águas cristalinas e completamente virgens".

Em 2016, Carla foi desafiada a percorrer, ao lado dos colegas André Penna e Cedric Schmidtz de kitesurfe um trecho entre Moçambique e Tanzânia, num percurso de 1.000 quilômetros no mar. A aventura foi registrada no programa de televisão "Downwind na África", exibido no canal fechado Off, da Globosat, dedicado aos esportes radicais. "Eu já tinha ido ao Marrocos, Gana, São Tomé e Prín-

Karkloof Canopy Tour, Howick (South Africa)

Haroldo Castro

FOTOS SOUTH AFRICAN TOURISM

THE PRICE OF ADVENTURE

"It is so simple to calculate this: the less infrastructure there is at any destination, the more expensive the adventure is. But believe me, there is market for unique experiences", says the Brazilian photographer Haroldo Castro, who organizes photographic safaris with people who are interested in inhospitable places on the African continent. Groups are formed between five to ten adventurers willing to pay between 4 to 100 thousand dollars depending on the type of trip, which can last up to two weeks. "The cost of hotels with safety and quality ends up being expensive," explains Haroldo. But he ensures that infrastructure in general has been improving. "Every year you have new hotels. People are being trained more and more. I would say that it is having a growth of quantity and quality. This is happening as countries develop".

Another important factor in reducing the final cost of logistics. Countries with more airlines naturally have more economical package tour options. South Africa, for example, received 40,000 Brazilians in 2016, 40% more than in 2015. "With the launch of the Latam flight to Johannesburg, demand for the country has grown tremendously. First, because the Brazilians identify with the company, and then because the tickets became very cheap. The destination has a very attractive cost, what was missing was a way to get to it at cheaper rates, "says Tatiana Isler, from SAT.

ADVENTURES THAT ARE PRICELESS

Beyond the infrastructures offered by the various African countries, some adventurers resolve to set as targets to meet some of the radical challenges existing in Africa. The reasons are the most varied: breaking records, overcoming opponents or a simple personal achievement. This is the case of the Brazilian mountaineer Rosier Alexandre, who started climbing ice mountains in 2004 and a few months ago he finalized a personal project called Sete Cumes, which consisted in climbing the largest mountain on each continent.

While traveling through Tanzania in 2011, when he climbed Mount Kilimanjaro, Rosier was surprised by the country's structure to receive tourists. "In addition to the tourist attractions, the hotels are quite comfortable. It was quite common to find bilingual guides and some who spoke up to three languages, giving information with enough quality", he recalls.

Each visit to the African continent is a unique experience for the kite surfer Carla Lima. "Without a shadow of a doubt, it is my favorite continent. I transform myself as a human being and I come back much better to Brazil", she comments . "Africa always surprises me by the purity of the children, the receptivity of the local people, the crystalline and completely untouched waters."

In 2016, Carla was challenged to travel between Mozambique and Tanzania, along with colleagues André Penna and Cedric Schmidtz of kitesurfing, in a course of 1,000 kilometers at sea. The adventure was recorded on the television program "Downwind in Africa", screened on Globosat's closed channel Off, dedi-

ACERVO PESSOAL

Rosier Alexandre

Magalies River Valley Scenic Balloon Safari, Magaliesburg (South Africa)

FOTOS SOUTH AFRICAN TOURISM

cipe e Angola, mas dessa vez fui em busca do desconhecido em todas as atmosferas. Fui como personagem, tendo que expor tudo o que se passava comigo", relata.

Apesar de não se considerar uma aventureira, Paula Pereira costuma passear de camelo pelo deserto e pelas cidades imperiais no Marrocos. Segundo ela, o país dispõe de uma ótima estrutura para os turistas. "Eles possuem uma Polícia Turística bastante atuante e atenta a qualquer problema relacionado à segurança", conta. "De uma forma geral, o Marrocos é bastante seguro em todos os aspectos".

CRESCIMENTO EM POTENCIAL

O turismo de aventura atrai clientes de alto valor, apoia as economias locais e incentiva práticas sustentáveis. É um segmento de nicho, mas está ganhando popularidade em todo o mundo. A presença de todas as formas do recurso natural faz da África um destino holístico para todas as formas de turismo, especialmente para o turismo de aventura. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), a África é o segundo destino turístico de mais rápido crescimento ao lado do Sudeste Asiático.

Dados do Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB) apontam que Egito, Marrocos e a Costa do Marfim são os países com maior afluxo de turistas internacionais para o turismo de aventura no continente. Lesoto, Chade, Mali, Sudão e Madagáscar são os destinos de mais rápido crescimento para o turismo de aventura em África. "O turismo mostrou extraordinária força e resiliência nos últimos anos, apesar de muitos desafios, particularmente aqueles relacionados à segurança", diz o jordaniano Taleb Rifai, secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (UNTWO). "No entanto, as viagens internacionais continuam a crescer fortemente e contribuem para a criação de emprego e bem-estar das comunidades em todo o mundo". Segundo a organização, a África como um todo mostrou uma forte recuperação após dois anos fracos, atormentados pela pandemia do Ebola e por ataques terroristas localizados. O continente recebeu 58 milhões de turistas, um notável crescimento de 8% a partir de 2015, à frente de outras regiões.

+

3 companhias aéreas voam do Brasil para a África do Sul: LATAM, South African Airways, e TAAG

CURIOSIDADE

Próximo à fronteira da Tanzânia com o Quênia, o Monte Kilimanjaro é o ponto mais alto do continente africano, com uma altura de 5.895m no Pico Uhuru.

ALÉM DA AVENTURA

O continente africano tem atrações que vão além da natureza, segundo os viajantes aventureiros ouvidos pela ATLANTICO. "Temos o contato com os diferentes povos e etnias. E isso é fascinante", lembra Haroldo de Castro. Já o montanhista Rosier Alexandre destaca a alegria e a hospitalidade do povo africano. "É povo rico, alegre, vibrante. Eu acho que de todas as viagens essa foi a experiência mais marcante, porque foi muito além da escalada da montanha.", completa.

O QUE FAZER EM CADA PAÍS

Passeio de camelo nas dunas, pedaladas de mountain bike, passeios de balão de ar quente, mergulho com tubarões. São inúmeras as atividades disponíveis para os turistas aventureiros. ATLANTICO selecionou algumas atividades.

- **Tanzânia** - Escalada ao Monte Kilimanjaro
- **Uganda e Ruanda** - Caminhar nas trilhas de gorilas e chimpanzés
- **Moçambique** - Safaris entre leões, elefantes, crocodilos, hipopótamos e antílopes
- **Quênia** - Safari com os "Big Five", que podem ser de carro, a pé, de bicicleta, a cavalo e até de balão
- **África do Sul** - Mergulhar com tubarões brancos, nadar com focas e leões marinhos, pular de bungee jump, trilhas e rapel
- **República Democrática do Congo** - Escalar o vulcão Nyiragongo
- **Moçambique** - Remar de caiaque no Arquipélago de Quirimbas
- **Zimbabwe** - Parapente em Nyanga
- **Egito** - Rafting no Rio Nilo
- **Marrocos** - kitesurf nas praias de Essaouira

Table Mountain, Cape Town

FOTOS: SOUTH AFRICAN TOURISM

cated to extreme sports. "I had already gone to Morocco, Ghana, Sao Tome and Principe and Angola, but this time I went in search of the unknown in all atmospheres. I was like a character, having to expose everything that was happening to me", reports.

Although she does not consider herself an adventurer, Paula Pereira usually travels on camelback through the desert and the imperial cities in Morocco. According to her, the country has a great structure for tourists. "They have a Tourist Police very active and attentive to any problem related to security," she says. "In general, Morocco is quite safe in every respect".

POTENTIAL GROWTH

Adventure tourism attracts high-value customers, supports local economies and encourages sustainable practices. It's a niche segment, but it's gaining popularity all over the world. The presence of all forms of natural resources makes Africa a holistic destination for all forms of tourism, especially for adventure tourism. According to the World Tourism Organization (WTO), Africa is the second fastest growing tourist destination alongside Southeast Asia.

Data from the African Development Bank (AfDB) point out that Egypt, Morocco and Côte d'Ivoire are the countries with the highest influx of international tourists to adventure tourism on the continent. Lesotho, Chad, Mali, Sudan and Madagascar are the fastest growing destinations for adventure tourism in Africa. "Tourism has shown extraordinary strength and resilience in recent years, despite many challenges, particularly those related to security," says Jordanian Taleb Rifai, Secretary-General of the World Tourism Organization (UNTWO). "To grow strongly and contribute to the creation of jobs and well-being for communities around the world". According to the organization, Africa as a whole showed a strong recovery after two weak years, plagued by the Ebola pandemic and localized terrorist attacks The continent received 58 million tourists, a remarkable growth of 8% from 2015, ahead of other regions.

+

6 airlines fly from Brazil to Africa: LATAM, South African Airways, TAAG,Royal Air Maroc,Ethiopian Airlines and TACV

CURIOSITY

Near the border of Tanzania with Kenya, Mount Kilimanjaro is the highest point on the African continent, with a height of 5,895m at Uhuru Peak.

BEYOND THE ADVENTURE

The African continent has attractions that go beyond nature, according to the adventurous travelers heard by ATLANTICO. "We have contact with different peoples and ethnic groups. And that's fascinating", recalls Harold Castro. Mountaineer Rosier Alexandre highlights the joy and hospitality of the African people. "It's a rich, happy, vibrant people. I think of all the trips this was the most remarkable experience because it was way beyond the mountain climb".

WHAT TO DO IN EACH COUNTRY

Ride camelback over sand dunes, mountain bike rides, hot-air balloon rides, and shark diving. There are countless activities available for adventure tourists. ATLANTICO selected some activities.

- **Tanzania** - Climbing up Mount Kilimanjaro
- **Uganda and Ruanda** - Hiking on gorilla and chimpanzee trails
- **Mozambique** - Safaris among lions, elephants, crocodiles, hippopotami, and antelopes
- **Kenya** - Big Five Safaris traveling by car, on foot, bike, horseback, and even balloon.
- **South Africa** - White shark diving, swimming with seals and sea lions, bungee jumps, trails, and rappelling
- **Democratic Republic of Congo** - Climbing up the Nyiragongo volcano
- **Mozambique** - Kayak rowing in the Quirimbas Archipelago
- **Zimbabwe** - Paragliding in Nyanga
- **Egypt** - Rafting on the Nile River
- **Morocco** - Kitesurfing on the Essaouira beaches

ASSECOM UNILAB

TONY THECKA
E A GUINÉ-BISSAU QUE LHE SERVE DE INSPIRAÇÃO

TONY THECKA AND HIS INSPIRATION FROM GUINEA BISSAU

Transformar desencanto e frustração em poesia. Exorcizar os males através de palavras e rimas. Esse é o exercício literário de Tony Thecka, uma das principais vozes da literatura guineense. Natural de Bissau, onde nasceu a 21 de dezembro de 1951 sob o nome António Soares Lopes Júnior, ajudou a fundar a União Nacional de Artistas e Escritores, da Guiné-Bissau e sua obra é conhecida em Portugal, França, Brasil e Alemanha. Autor de Noites de Insónia em Terra Adormecida (1996), Guiné: Sabura Que Dói (2009) e Desesperança no Chão de Medo e Dor (2015), Tony utiliza como cenário de suas narrativas as sucessivas crises políticas e militares que assolaram Guiné-Bissau. Mas, sempre em meio à dor, nunca se esquece de falar sobre o amor.

Também jornalista, Tony já foi redator e mais tarde diretor da Rádio Nacional (RDN) e chefe da Redação e diretor do jornal Nô Pintcha. Além disso, criou o suplemento cultural e literário Bantabá. Como correspondente e analista, trabalhou com a BBC, Voz da América, Voz da Alemanha, Tanjug e, em Portugal, com o Público, a antiga agência noticiosa ANOP, RTP-África e TSF. Essa habilidade de jornalista pode ser conferida no livro-reportagem Os Media na Guiné-Bissau (2015) uma investigação que começa no início do século XIX, termina em 2013 e descreve toda a história da comunicação social na antiga província portuguesa da Guiné e depois de 1973, no período pós-independência.

Em conversa com ATLANTICO durante a Bienal Internacional do Livro do Ceará, Tony Tcheka falou sobre seu próximo trabalho, um conjunto de "estórias" relacionadas com o 25 de abril de 1974, vivenciadas na capital guineense e que envolvem "pessoas, famílias e instituições". O título deverá ser Cravos em Lisboa Mudam Destinos em Bissau. "São histórias fictícias que aconteceram com gente do meu país depois que se deu a chamada Revolução dos Cravos

Tony Thecka transforms disenchantment and frustration into poetry. He exorcises evilness through words and poetic rhymes. That is the literary exercise Tony Thecka performs, one of the main Guinean literary voices. Born in Bissau on December 21, 1951,he was named António Soares Lopes Júnior, he helped found the National Union of Artists and Writers of Guiné-Bissau and his work is known in Portugal, France, Brazil and Germany. He wrote "Noites de Insónia em Terra Adormecida" (1996), "Guiné: Sabura Que Dói" (2009) and "Desesperança no Chão de Medo e Dor" (2015), Tony described successive political and military crises that took place as the scenario for his narratives in Guinea Bissau. But he never forgets to speak about love in the midst of pain.

Tony is also a journalist and he was the writer and later on he was the director of "Rádio Nacional" (RDN) the Head Writer and the director of the newspaper "Nô Pintcha". In addition, he created the cultural and literary supplement Bantabá.. He worked for BBC, Voice of America, and Voice of Germany, Tanjug as a correspondent and analyst, and in Portugal he worked with the "Público", the historical new agency ANOP, RTP-África, and TSF. His skill as a journalist can be confirmed in his non-fiction book, "Os Media na Guiné-Bissau" (2015). This investigation starts at the beginning of the XIX century, and ends in 2013; he describes the entire history of social communication in the ancient Portuguese provincial time period in Guinea and then later on in 1973, in the post-independence period.

In a conversation with ATLANTICO during the "Bienal Internacional do Livro do Ceará" (International Biennial Book Fair of Ceará), Tony Tcheka spoke about his next book, a set of "stories" related to April 25th 1974, he had experienced in the Guinean capital city and that involved "people, families, and institutions". The title of this book could be "Cravos em Lisboa Mudam Destinos em Bissau "These are fictitious stories that happened to

em Portugal e que esteve na base da independência dos países africanos de língua portuguesa", adianta. "Agora faço uma inversão completa, escrevendo em prosa uma ficção que tem a ver com histórias vividas e vivenciadas". Sem entrevistar ninguém, Tony diz que se baseou na realidade que ele mesmo viveu na época. e que resolveu entrar de cabeça no projeto porque, segundo ele, não havia nada na Guiné-Bissau escrito sobre esse assunto.

Sobre o Brasil, Tony Tcheka fala sobre o carinho que sente pelo país. "Estou em família quando se fala em literatura brasileira", conta. "Meu gosto é um leque aberto. Sem querer citar ninguém, muitas vezes procuro a literatura brasileira para me inspirar. Desde muito tempo, desde a adolescência, devorei bastante os romancistas e poetas brasileiros. Acompanhei todas as épocas e todas as correntes literárias", revela. "Eu posso dizer que minha iniciação na leitura de autores brasileiros começou com Josué de Castro. A obra dele me ajudou a abrir os horizontes e estar mais atento ao mundo e às realidades".

TEMPOS DE DESESPERANÇA

Em um de seus últimos livros, Desesperança no chão de medo e dor, Tony reuniu 50 poemas separados em cinco capítulos, um dos quais totalmente escrito em crioulo, para testemunhar de forma poética os acontecimentos que sucederam o golpe de Estado em 2012. Questionado sobre a desesperança, ele diz que o mundo está conturbado devido às políticas sociais, com uma incerteza que aumenta a cada dia que passa, quadro que atribui a uma crise de liderança no mundo ocidental. "Não é só uma questão de ser ou não carismático. Os líderes demonstram uma ausência de projetos viáveis, que evidencia uma falta de sintonia com os anseios dos povos e, também, um distanciamento cada vez maior para a paz", afirma. "Essa crise de liderança provoca muita indignação, muita revolta. Nós vemos o que vem acontecendo no Brasil, com desconforto, reivindicações e lutas e também nos Estados Unidos da América, com eleição do novo presidente. Vemos a questão da Síria, da Coreia do Norte. Ninguém sabe como vai ser o amanhã".

BETO FIGUEIROA.

A BIENAL DO CEARÁ

A XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, estado do Nordeste do Brasi, aconteceu entre os dias 14 e 23 de abril de 2017 e trouxe, além do guineense Tony Tcheka, outros nomes consagrados do continente africano. Dentre eles o luso-angolano Valter Hugo Mãe, a moçambicana Paulina Chiziane, o angolano Ondjaki, o guineense Manuel Casqueiro e o moçambicano Carlos Subuhana. No evento, os escritores participaram de conversas e debates sobre diversos temas, como oralidade, cultura africana e o universo feminino

ASSECOM UNILAB

people from my country after the so-called 'Revolução dos Cravos' in Portugal, which was the basis of the independence of the Portuguese-speaking African countries", he adds. "Now I am making a complete inversion, by writing prose as fiction related to real and actually experienced historical stories". Without interviewing anyone, Tony says he relied on the reality he himself lived at the time. And he decided to be deeply involved in the project because, according to him, there was nothing in Guinea-Bissau written on that subject.

Tony Tcheka speaks about the affection he feels for Brazil. "I feel right at home when I speak about Brazilian literature", he tells. "My literary taste is very broad. Not to mention anything specific, many times I have sought Brazilian literature for my inspiration. For a long time now, since I was a teenager, I devoured a great number of Brazilian novelists and poets. I have studied all literary periods and currents", he reveals. "I can say that my initiation into reading Brazilian authors began with Josué de Castro. His work helped me to open my horizons and pay more attention to the world and its realities".

TIMES OF HOPELESSNESS

In one of Tony's latest books, "Desesperança no chão de medo e dor", He combines 50 separate poems into five chapters, one of those is written completely in Creole, to poetically witness what happened after the Military Coup in 2012. He questioned the hopelessness; he said the world is troubled due to social policies, an uncertainty increasing daily, this situation has attributed to the leadership crisis in the western world. "It is not just related to being or not being charismatic. Leaders have demonstrated an absence of viable projects, proven by the lack of synergy to supply the yearnings of the people and, also by the increasing distance from achieving peace", he states. "This leadership crisis brings about a great deal of indignation and anger. We can see what is taking place in Brazil, through discomfort, claims, and struggles and also in the United States, due to the election of the new president. We also see the issues in Syria, North Korea. Nobody knows what is going to happen tomorrow".

THE CEARÁ BIENNIAL

The XII International Biennial Book Fair of Ceará, in the Northeast of Brazil, took place from April 14th to the 23rd 2017 and it featured Tony Tcheka, from Guinea, and other consecrated names from the African continent. Among them, the Portuguese-born Angolan Valter Hugo Mãe, the Mozambican Paulina Chiziane, the Angolan Ondjaki, the Guinean Manuel Casqueiro and the Mozambican Carlos Subuhana. At the event, writers participated in conversations and debates on various topics such as orality, African culture and the feminine universe

IDENTIDADE E FORÇA DO CABELO AFRO

IDENTITY AND THE STRENGTH OF AFRO HAIR

Os cabelos constam entre os principais elementos de expressão da personalidade humana. As colorações, cortes e penteados transmitem mensagens simbólicas inerentes às individualidades. Contudo, historicamente, pessoas negras nem sempre têm sido protagonistas do bilionário mercado de haircare, realidade que vem sendo mudada aos poucos. Seja pelo movimento da indústria de cosméticos, que passou a enxergar esse público com outros olhos, seja pelos próprios consumidores, que buscam alternativas mais interessantes para melhorar a autoestima. "Nós vivemos a era da personalização e, hoje, as mulheres buscam um visual que se adeque ao tipo de rosto, personalidade, cabelo e estilo. A busca de cabelos ondulados, cacheados ou crespos, aumentou consideravelmente, pois as pessoas querem expressar sua identidade, atitude e origem", afirma o cabeleireiro Fernando Paolo, um dos mais respeitados experts em beleza do Brasil. "Padrões de beleza não são mais vistos como regras. Por isso, as mulheres desejam ter os cabelos bem tratados, qualidade de fio, liberdade de ter o tipo de ondulação original, sem que esteja presa a uma única forma".

O cabelo africano tem suas particularidades: é mais frágil do que o cabelo caucasiano, cresce mais lentamente e requer cuidados específicos. Perucas e tranças dão estilo e exigem pouca manutenção. Mas ao longo dos anos, o uso excessivo de algumas técnicas e de alguns produtos, como alisamentos e relaxantes, pode trazer sérios danos e até calvície. "Com mais de vinte anos de uso de todo tipos de extensões capilares, tive uma perda considerável de cabelo pelo uso inadequado dessas técnicas. Foi um momento muito difícil pra mim. Comecei uma pesquisa sobre como as grandes artistas americanas mantinham aquelas madeixas tão perfeitas. Então, encontrei a resposta que mudou minha história: lace wig", lembra Carla Leão, empresária de 38 anos que transformou uma necessidade em negócio. Natural de Salvador, hoje é conhecida como Mona Babumbursema, vive em Barcelona, onde administra as vendas de lace wigs, perucas sintéticas importadas dos Estados

Hair is listed as one of the main elements for expressing the human personality. The colors, cuts, and combing styles convey inherent symbolic messages on individualities. However, historically, black people have not always been protagonists in this billionaire haircare market, a reality that has been changing little by little. This may be due to changes in the industry of cosmetics that nowadays is starting to be viewed through different eyes, or by the consumers themselves, who seek more attractive alternatives for improving self-esteem. "We live in an era of personalization and nowadays, women are looking for a look that fits their type of face, personality, hair, and style. The demand for wavy, curly, or kinky hair has increased considerably, as people wish to express their identity, attitude, and origin", states the hair dresser Fernando Paolo, one of the most respected beauty experts in Brazil. "Beauty standards are no longer viewed as rules. And due to this, women who desire well-treated hair and achieve strand quality, and then the freedom to show their original wavy style, yet without being forced to adhere to a single pattern".

Afro hair has its own peculiarities: it is more fragile than Caucasian hair as it grows more slowly and requires specific care. Wigs and braids add style and require little maintenance. But as time goes on, excessive use of some techniques and some products, such as hair straighteners and relaxers, can seriously damage the hair and even cause baldness. "I suffered from considerable hair loss after using all types of hair extensions, due to inadequate usage of these techniques. It was a very difficult moment for me. I started to research on how the great American artists keep those tresses so perfectly. Then, I found the answer that changed my story: the lace wig", remember Carla Leão, a 38 year business woman, who converted a necessity into a business. She was born in Salvador and nowadays, she is known as Mona Babumbursema, who lives in Barcelona, where she administrates the sale of lace wigs, imported synthetic wigs from the United States, worn by such great international stars as Rihanna, Beyoncé, Lady Gaga, and Naomi Campbell. "Wigs extraordinarily affect the self-es-

ARQUIVO FERNANDO APOLO

BRUNNO ROGGER / TRESS CABELOS

Unidos, usadas por grandes estrelas internacionais como Rihanna, Beyoncé, Lady Gaga e Naomi Campbell. "As wigs mexem de forma extraordinária na auto estima da mulher. Elas se sentem mais fortes e mais poderosas por ter um cabelo perfeito. Isso faz com que outros aspectos fiquem latentes. Começam a se maquiar mais, a ousar nas roupas e consequentemente isso reflete na vida de cada uma", acredita. Entre as clientes, a grande maioria (70%, segundo ela) é formada por mulheres que vivem no Brasil. Em seguida vêm as brasileiras e as africanas que vivem na Europa. "As europeias ainda vinculam as wigs a doenças como o câncer e isso dificulta a inserção", revela.

O sucesso das perucas se deve ao custo reduzido e também à facilidade de colocação, que não requer um profissional. "É um produto barato. O modelo mais caro chega a R$ 600 (US$193,84). O cabelo natural pode respirar, é um material sintético. "E não é igual à peruca de carnaval, ela imita o cabelo humano", explica a empresária Letícia Korndorfer, proprietária da Tress Cabelos. Depois de morar cinco anos no continente africano, entre Cameroun e Angola, Letícia notou uma diferença na autoestima entre brasileiras e africanas. As mulheres negras no Brasil, segundo ela, possuem mais baixa autoestima. Isso motivou Letícia a criar um salão de beleza, em Uberlândia, Minas Gerais, destinado ao público negro para o tratamento de cabelos crespos. "Procurei cursos sobre esse tipo de cabelo e não encontrei nada relacionado. Resolvi ir para os Estados Unidos onde fiz um curso de quatro meses em uma escola sobre cabelos crespos. Mas, o mercado estadunidense não trabalha com tratamento, mas com perucas", conta. "Diferente do Brasil onde as mulheres são mais ligadas em apliques, megahairs e tratamentos de alisamento.

Então, ela conheceu uma distribuidora especializada em perucas afro que mostrou a Letícia que o mercado brasileiro era promissor por ter demanda e carência de produtos. Assim, a Tress Cabelos se tornou a distribuidora exclusiva das perucas norte americanas em território brasileiro. Com contrato fechado em 2014, as vendas começaram em fevereiro de 2015. O lucro inicial foi de R$ 9 mil reais ao mês. Hoje a empresa fatura R$ 100 mil ao mês, vendendo principalmente pela internet. "E esse mercado só vai crescer, não há dúvida", aposta. De fato, o Brasil é o segundo maior mercado consumidor de produtos para cabelo no mundo, com 12% do market share.

O CABELO AFRICANO TEM SUAS PARTICULARIDADES: É MAIS FRÁGIL DO QUE O CABELO CAUCASIANO, CRESCE MAIS LENTAMENTE E REQUER CUIDADOS ESPECÍFICOS.

Dados do Laboratório de Cosmetologia, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da Universidade de São Paulo (USP), indica que o cabelo da população brasileira, apesar de característica bem variada, possui uma tendência maior para o encaracolado, ficando entre as extremidades do liso e o afro-étnico (crespo). Como hábito cultural, a mulher, independentemente da classe social, vai ao salão ou realiza algum procedimento doméstico pelo menos uma vez por mês. A tintura e o alisamento estão entre os mais frequentes. Mas o público, sobretudo feminino, possui outras necessidades como o alongamento capilar.

Moradora da periferia de Porto Alegre, Amanda Jesus Rodrigues, 28, resolveu criar um pequeno salão em casa para atender mulheres que desejam fazer o procedimento com material sintético, mais barato, e que causa menos dano aos cabelos crespos. "O cabelo embaixo é natural da cliente, todo trançado. A fibra é aplicada em cima do cabelo, costurada. É possível ruiva ou loira e não danifica", diz. "O nosso público aqui é maioria afro. Mas tem umas clientes brancas que vêm fazer luzes, progressivas, essas coisas. Mas o espaço é mais para tratamento de cabelo afro". Por dia, Amanda atende de seis a oito mulheres. A mão-de-obra fica em torno de R$ 150 (US$ 48). Com o produto incluso, sai por R$ 300 (U$ 96). Os apliques usados por ela no salão são fabricados no estado de Minas Gerais.

BRUNNO ROGGER / TRESS CABELOS

AFRO HAIR HAS ITS OWN PECULIARITIES: IT IS MORE FRAGILE THAN CAUCASIAN HAIR AS IT GROWS MORE SLOWLY AND REQUIRES SPECIFIC CARE.

teem of a woman. They feel stronger and more powerful as their hair is perfect. That makes other aspects latent. They begin to further improve their make-up, be bolder in the way they dress, and consequently this reflects in each one of their lives", she believes. The greatest majority of her clients (70% according to her) are made up by women who live in Brazil; and secondly, Brazilians and Africans who live in Europe. "Europeans still relate wigs to such diseases as cancer and that hinders insertion", she reveals.

The success of these wigs is due to the reduced cost and also easy placement, as no professional person is required. "It is a cheap product. The most expensive model costs up to R$ 600 (US$193.84). Natural hair can breathe, as it is a synthetic material. "It is not the same as a Brazilian Carnival costume wig, it imitates human hair", explains Letícia Korndorfer, the entrepreneur, owner of Tress Cabelos. After Letícia lived for five years on the African continent, in Cameroun and Angola, she noticed the difference in self-esteem of Brazilians and Africans. Black women in Brazil, according to her, suffer from lower self-esteem. This motivated Letícia to start a salon in Uberlândia, Minas Gerais State, focused on black clientele for treating kinky hair. "I looked for courses on that type of hair and I could not find anything related to it. I decided to go to the United States, where I took a four month course in a specialized school for kinky hair. But the United States market does not use treatments, but rather wigs", she tells. "Different from Brazil, where women are more connected to hair extensions and straightening treatments.

After that, she found out about a specialized afro wig dealer who showed Letícia how the Brazilian market was promising because there was a big demand and need for its products. Thus, Tress Cabelos became the exclusive dealer for North American wigs in Brazil. She closed the contract in 2014, and sales began in February 2015. The initial income was R$9 thousand Reals per month. Now, the company is invoicing R$ 100 thousand per month, selling mainly by internet. "And this market is going to continue growing, there is no doubt about it", she wagers. In fact, Brazil is the second largest consumer of hair products in the world, holding 12% of the market share.

Data from the Cosmetology Laboratory, Faculty of Pharmaceutical Sciences (FCF), University of São Paulo (USP), reports that the hair of the Brazilian population, although there are quite varied characteristics, displays a greater trend towards curliness, ranging from straight at the ends and Afro-ethnic (kinky). As a cultural habit, a woman, no matter what social class she may be, will go to the salon or perform some domestic procedure at least once a month. Hair dying and straightening are the most frequent. But the public, mostly female, have other needs, such as hair lengthening.

Amanda Jesus Rodrigues, 28, a resident living on the outskirts of Porto Alegre, decided to open a small salon in her home to provide services to women who wish to perform a procedure using synthetic and less expensive material and cause less damage to kinky hair. "The hair underneath is the natural client's hair and it is all braided. The sewed fiber is laid over the hair. She says it is possible to make the client a red-head or blond and there is no damage", she says. "Most of our clientele here are Afros. But, there are also clients who wish to add highlights, progressive hairdos, those kinds of things. But the space is mostly focused on treating Afro-style hair". Armanda serves daily from six to eight women. The cost of the labor is around R$ 150 (US$ 48). Including the product, it costs a total of R$ 300 (US$ 96). She uses hair extensions in the salon manufactured in Minas Gerais State.

TODOS QUEREM A ÁFRICA

Empresas de todos os continentes estão interessadas em abocanhar parte do bolo deste segmento, de potencial estimado em 100 milhões de consumidores de classe média. A gigante indiana Godrej seguiu os passos de suas conterrâneas Marico, Dabur e VLCC, que já possuem operações em países como África do Sul, Marrocos e Nigéria e resolveu fincar os dois pés no continente africano. A empresa, que atua também em outros países da Ásia e possui operações na América Latina, tem no continente africano seu maior investimento fora da Índia. A África contribui com 31% de receitas dos seus negócios internacionais, o que equivale a US$ 200 milhões.

Com presença em 16 países africanos e receita crescente na África do Sul, Moçambique, Nigéria, Quénia, Gana, Uganda, Tanzânia e Angola, a Godrej vende extensões de cabelo, cosméticos capilares, colorações e outros produtos de cuidados pessoais fora do segmento de haircare. Sob o seu guarda-chuva estão marcas líderes de produtos capilares como Rapidol, Inecto, Frika e Kinky. Em 2011, a empresa adquiriu a marca Darling, líder e pioneira em produtos de extensão de cabelo. "Nós fabricamos localmente e nossos produtos são usados por mais de 100 milhões de consumidores africanos. Nosso plano é adquirir gradualmente a participação restante nos próximos cinco anos", informou a empresa, através de nota. A África é o principal mercado para o cabelo indiano, cujo mercado de exportação é estimado em cerca de US$ 393,5 milhões anuais e apresenta taxa de crescimento anual entre 10 e 30 por cento ao ano.

Em 2015, a empresa norte-americana Strength of Nature, líder global na indústria de cuidados para cabelos étnicos e com faturamento anual de US$ 700 milhões, adquiriu da Unilever marcar importantes no mercado africano, como Motions, Just for Me, Consort e Groom & Clean. Em contrapartida, o Grupo Boticário, uma gigante brasileira do segmento de beleza, tem começado a marcar presença na África, mesmo que de forma tímida, com 16 lojas em Angola e uma em Maputo (Moçambique), vendendo maquiagens, perfumes e produtos para cabelo. Mas não descarta aumentar sua participação.

O setor vem numa crescente constante segundo a consultoria Euromonitor. Em 2010, movimentou US$ 2,65 bilhões. Em 2015 registrou faturamento de US$ 4,2 bilhões e a previsão é que alcance US$ 5,3 bilhões em 2020. Esses números incluem somente o mercado de haircare, que abrange produtos 2 em 1, shampoos, colorantes, condicionadores, tratamento para perda de cabelo, cremes para permanentes e relaxantes além de produtos para salão de beleza. Ou seja, não incluem extensões capilares e perucas, o chamado mercado de cabelos secos.

Embora o crescimento do setor seja global, a África Subsariana é marcada por disparidades significativas entre os países da região e, por consequência, não pode ser abordada como um mercado único, apresentando várias disparidades. Na Nigéria e Camarões, por exemplo, o crescimento esperado é de 5% para o período entre 2013 e 2018. Na África do Sul, mercado já considerado maduro, o setor não deve apresentar crescimento mas acredita-se que continue aquecido.

A L'Oréal também vem pensando grande na África. A gigante francesa possui duas plantas industriais no continente, uma na África do Sul e outra no Quênia, que respondem por quase metade dos produtos distribuídos na região subsaariana, a que mais cresce nos resultados da empresa,

EVERYONE WANTS AFRICA

Companies in all continents are interested in doing business with this market segment, with an estimated potential of 100 million middle-class consumers. Godrej, the giant Indian company followed the steps of its compatriots, Marico, Dabur and VLCC, who already have operations in countries such as South Africa, Morocco and Nigeria and so, it decided to jump in with both feet in the African continent. The company which also works in other Asian countries and has operations in Latin America, has on the African continent its largest investment outside of India. Africa contributes 31% of revenues from its international business, which is equivalent to US $ 200 million.

With presence in 16 African countries and the income in increasing in South Africa, Mozambique, Nigeria, Kenya, Ghana, Uganda, Tanzania, and Angola, Godrej sells hair extensions, hair cosmetics, hair dyes, and other personal care products besides just the haircare segment. Its umbrella branding includes, such leading haircare products, as Rapidol, Inecto, Frika, and Kinky. In 2011, the company acquired the Darling brand, a leader and pioneer in hair lengthening products. "We manufacture locally and our products are used by 100 million African consumers. Our plan is to gradually acquire the remaining market share in the next five years", the company informed, through its announcement. Africa is the main market for Indian hair, whose exportation market is estimated at around US$ 393.5 million annually and has displayed an annual growth rate ranging from 10 to 30 percent per year.

BRUNNO ROGGER / TRESS CABELOS

In 2015, the US company Strength of Nature, a global leader in the ethnic haircare industry with US $ 700 million annual acquired from Unilever important brands for the African market, such as Motions, Just for Me, Consort, and Groom & Clean. On the other hand,the Boticário Group, a Brazilian giant in the beauty product segment has begun making its presence in Africa, even though timidly, by opening 16 stores in Angola and one in Maputo (Mozambique), selling make-up, perfumes, and haircare products. But it does not discard the possibility of expanding its market presence.

This sector is constantly growing, according to the Euromonitor consultancy. In 2010, US$ 2.65 billion dollars were transacted. In 2015, it registered US$ 4.2 billion in invoicing and the forecast is to reach US$ 5.3 billion by 2020. These statistics only include the haircare market, including 2 in 1 products, shampoos, hair dyes, conditioners, hair loss treatments, creams for permanents, and relaxers, as well as salon products. That is, do not include hair extenders and wigs, the so-called dry hair market.

Although the sector is generally increasing, Sub-Saharan Africa is marked by significant disparities among countries of the region and, and can not be considered as a single market, and this displays various disparities. In Nigeria and Cameroun, for example, a 5% growth rate is expected from 2013 to 2018.In South Africa, a market already considered mature, this sector should not display any increase, but it should continue to be active.

L'Oréal also thinks big on the potential in Africa. This French giant has two industrial plants on the continent, one in South Africa and the other in Kenya, corresponding to roughly half of the products distributed in the Sub-Saharan region,

dona de marca populares como Garnier e Dark Amp; Lovely, com as icônicas embalagens de cor púrpura. A estratégia de crescimento do grupo segue duas vertentes: conquistar o consumidor final nas prateleiras das farmácias e supermercados e, através dos profissionais de cabelo, que aconselham seus clientes a comprarem seus produtos.

Primeiramente, vem investido na aquisição de marcas locais, entre elas a SoftSheen Carson. E em julho do ano passado, inaugurou em Joanesburgo um centro de pesquisa para estudar as especificidades africanas, reunindo pesquisadores de diversas áreas. Na mesma cidade, a empresa mantém um centro de treinamento para formar profissionais do setor com as últimas tendências em cabelos multi-étnicos. Os alunos recebem um treinamento sobre gestão para que possam estabelecer seu próprio negócio após o aprendizado técnico.

A brasileira Maggie Rebola, 53, foi aluna de lá durante 18 meses. Há 20 anos vivendo na África do Sul, Maggie trouxe do Brasil durante uma viagem produtos para tratamento de cabelos danificados. "Era exatamente o que eu estava procurando, pois tem uma demanda muito grande para esse tipo de produto. Mas o começo foi bastante complicado, pois as sul-africanas não gostam de experimentar novos produtos. Elas ainda têm um pouco de resistência. Quase desisti e fechei", conta. "Comecei a postar alguns de meus trabalhos em uma rede social, onde comecei a ter um retorno muito positivo. E comecei a aumentar minha clientela, que começou a divulgar meu trabalho de boca em boca". Hoje, ela é conhecida pela cliente como Hair Doctor. "Atualmente, Maggie administra dois espaços - pedacinhos do Brasil, como costuma dizer: um em Johannesburgo e outro em Umhlanga-Durban. "Sou absolutamente apaixonada pelo que faço, pois o maior pagamento no fim de cada serviço que ofereço é o sorriso de satisfação e a auto estima que recupero de cada uma de minhas clientes. Isso realmente não tem preço", disse.

where the company's fastest growth income comes from popular brand such as Garnier and Dark Amp and Lovely, with iconic purple color packaging.. The growth strategy of the group follows dual actions: Conquer the final consumer on the shelves of drugstores and supermarkets and, also through hair professionals, who advise their clients to purchase its products.

Firstly, it started investing in the acquisition of local brands, and one of them was SoftSheen Carson. And last July, it inaugurated a research center in Johannesburg for studying specific African characteristics, uniting researchers from diverse fields of study. In the same city, the company runs a training center to train professionals in the sector so they become updated on the latest trends in multi-ethnic hair. The students get management training, so that they can set up their own businesses after learning the technique.

The Brazilian Maggie Rebola, 53, was a student there for 18 months. For 20 years living in South Africa,Maggie brought damaged hair products from Brazil during one of her trips. "It was exactly what I was looking for, as there is a great demand for that type of product. But in the beginning, it was quite complicated, as South African do not like to try out new products. They are still a little hesitant. I almost gave up and closed my salon ", she tells. "I began to post some of my work in the social network, and then I started getting favorable results. My clientele started to increase, and then I started to spread by word of mouth". Today, she is known as the Hair Doctor. "Currently, Maggie administrates two spaces – bits of Brazil, as she says: one in Johannesburg and the other in Umhlanga-Durban. "I am completely crazy about what I do, as the greatest payment at the end of each treatment is the smile of satisfaction and the recovered self-esteem from each one of my clients. This is really priceless", she says.

EMBRAPA. CIÊNCIA QUE TRANSFORMA A VIDA.

São mais de 40 anos de transformações na produção rural. Durante todo esse tempo, foram desenvolvidas centenas de cultivares, potencializando a produção nacional, como caju, cupuaçu, banana e muitos outros. Hoje, a Embrapa é uma das poucas empresas no mundo que trabalham com uma variedade tão grande de frutas, hortaliças, grãos, sistemas e técnicas de plantio, manejo, colheita, armazenamento, além de fibras, agroenergia e automação. É a pesquisa agropecuária desenvolvendo o campo de forma sustentável e inovadora, contribuindo para levar mais e melhores alimentos para a mesa do brasileiro.

Acesse www.embrapa.br e conheça todas as soluções que a Embrapa tem a oferecer.

Embrapa

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

BRASIL GOVERNO FEDERAL

Standard Bank Brasil Representações Ltda (C.N.P.J 20.230.154/0001-87) is licensed as a representative office in São Paulo by the Central Bank of Brazil to represent in Brazil the South African financial institution known as The Standard Bank of South Africa Limited (Reg. No. 1962/000738/06) ("SBSA") as well as all its branches, subsidiaries and other related entities based in the African continent. Moving Forward is a trademark of SBSA 209304.